

**SILVIA TAVARES DA SILVA**

**ANTÔNIO CLARINDO BARBOSA SOUZA  
(ORIENTADOR)**

**O BAIRRO JOSÉ PINHEIRO: MEMÓRIAS, PRÁTICAS E  
REPRESENTAÇÕES.**

Monografia apresentada à  
Universidade Federal de  
Campina Grande, como um  
dos pré-requisitos para a  
obtenção do grau de  
especialista em Historiografia  
e Ensino de História.

## **EXAMINADORES**

**Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa Souza**  
**Orientador**

**Prof. Ms. Alarcon Agra do Ó**

**Prof. Dr. Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa**



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

## AGRADECIMENTOS

Em cada parte deste trabalho possuí um pouco de cada um que estiveram, de forma direta ou indireta, incentivando-me e auxiliando-me na sua realização. Pais, irmãos (Simone, Saulo, Breno, Amanda), cunhados (Dayan e Renata) e amigos (Marquinhos, Bira, Stéllio, Zélio, Sankashana, Fabiana) que acredita(ra)m nas minhas escolhas eis aqui um pedaço de vocês que me completa e mais uma vez me realiza. Se não fosse o apoio de vocês tudo se tornaria mais difícil. Cabe a vocês as angústias, as alegrias, os medos... que foram definindo as linhas da nossa narrativa, como também a satisfação de realizá-la.

Ao professor Antônio Clarindo, agradeço pela responsabilidade de me assumir mais uma vez como orientanda. A você cabe a grande influência intelectual, teórica, vivências, experiências que foram de fundamental importância na elaboração deste trabalho. Entre encontros e desencontros, concordâncias e embates chegamos a um lugar...

E, é claro, não poderia deixar de registrar os meus agradecimentos especiais àqueles, a quem dediquei este projeto: as pessoas simples, comuns, ordinárias...mas, gente, que a partir das suas astúcias inventa(ra)m, cria(ra)m, reelabora(ra)m suas práticas diárias criando uma teia de vivências singulares e significativas. Meu muito obrigada a Agripino Batista de Oliveira, Iaponira Santos Morais, Senhor Jeová Pedrosa dos Santos, Senhora Maria da Paz Rodrigues Soares, Marcelino Valdevino da Silva, Nilton Menezes Braga, Pedro Farias e Tereza Neuma Fernandes Bezerra. A vocês cabe toda a nossa imaginação e criatividade depositada aqui, e só possível pela a riqueza de cada depoimento que nos foi confidenciado em nossas conversas.

Foram também participantes desse projeto pessoas que eu conheci ao longo da caminhada e que tiveram uma importância fundamental para a nossa pesquisa como: Estela Maris, Osmar e Suíze que nos guiaram para os primeiros contatos com os nossos colaboradores. Obrigada pelo carinho e atenção.

Em fim, obrigada a todos os professores que contribuíram com os seus conhecimentos ao longo do curso: Gervásio Aranha, Nilda Câmara, Alarcon Agra, Antônio Clarindo, Roberval, Fábio Gutemberg, Silêde Leila, José Otávio e Marinalva Vilar.

## Resumo

**Palavras – chaves:** História Local – memória – representação

Através de relatos orais de moradores antigos do bairro, reescrevemos a história local, enfatizando as práticas e vivências cotidianas dos seus personagens mais populares, bem como as relações estabelecidas de “conveniência” e “convivência” dos seus moradores que definem o “ser” morador do bairro José Pinheiro. Nossa intenção era dar voz aquela gente comum e através dessas vozes dissonantes, reelaborar imagens de um passado de “tradições”, ainda tão presente na memória dos campinenses. A história do bairro José Pinheiro foi reinventada por nós, com toda singularidade e criatividade dos relatos dos nossos colaboradores, como forma de tentar perceber os conflitos que perpassam os vários discursos a respeito daquele espaço urbano, hoje tão mal quisto devido à propagação de uma identidade negativizada. O bairro, que é conhecido como um dos mais violentos da cidade, é mostrado por nós como um bairro que também tem uma representatividade para cultura local. É assim que ele é, também, pensado e apropriado por seus populares.

## SUMÁRIO

Introdução .....	8
1. Uma leitura sobre o bairro .....	14
2. “A arte de fazer. a arte de viver” .....	23
A primeira impressão.....	27
A invenção de um personagem .....	32
3. História de um bairro (re)visitando memórias e conflitos .....	37
Bambas do Ritmo: “a arte no contexto da vida” .....	38
A difusora de Seu Gaúcho: um comunicador popular .....	48
“A voz do Bairro José Pinheiro” .....	50
Entre o “velho” e o “novo”: a resignificação de uma experiência esportiva ....	57
Serviços comunitários: outros espaços de relações de “convivência”.....	62
A SAB do José Pinheiro .....	63
O Círculo Operário .....	65
Considerações Finais .....	70
Referências .....	72
Anexos .....	74

## ÍNDICE DE FOTOS

Foto 1 – Inauguração do Abrigo do José Pinheiro .....	29
Foto 2 – Abrigo do José Pinheiro hoje 2006 .....	29
Foto 3 – Rua Campos Sales asfaltada em 2006.....	29
Foto 4 – Maria-fumaça- destaque do carnaval de 1977 .....	41
Foto 5 – Abacaxi gigante – destaque do carnaval de 1982.....	41
Foto 6 – Atual sede da Escola Bambas do Ritmo localizada na Rua Campos Sales. ....	43
Foto 7 – Antiga casa de Seu “Gaúcho” na parte superior funcionava a sua difusora .....	57
Foto 8 – Antigo Estádio de Futebol Plínio Lemos em 2005.....	62
Foto 9 – Antigo estádio em reforma.....	62
Foto 10 – Antigo Prédio do Círculo Operário, hoje uma Igreja.....	69

## INTRODUÇÃO

*“E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casa de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz”.*

Ferreira Gullar

O nosso trabalho tem como objetivo maior fazer uma história social/cultural do bairro José Pinheiro. Para tanto, privilegiamos os relatos orais dos seus moradores mais antigos, por entendermos que são estes os guardiões de um tempo ao qual só podemos ter acesso através das suas lembranças e reminiscências. Não seria outro o motivo deste trabalho, se não dar voz aos verdadeiros donos, não de uma história local, mas de várias histórias.

Não foi por acaso que escolhemos o bairro de José Pinheiro como objeto de pesquisa. Conhecíamos aquele espaço urbano só de passagem, o que já me chamava atenção, pelo fato de ser este um bairro com características de cidade do interior. É um dos poucos bairros da cidade que apresenta um comércio “tradicional” próprio, uma praça com uma TV, símbolos típicos das cidades interioranas. A essa primeira impressão soma-se a nossa experiência profissional no local, onde tivemos a oportunidade de conhecer mais a história daquela comunidade e desenvolver



curiosidades com relação às experiências passadas daquela gente, que demonstra tanta satisfação em ser moradora do José Pinheiro.

Talvez, o apreço dos moradores pelo local tenha nos despertado maior curiosidade. O bairro é considerado como um dos mais violentos da cidade e essa sua imagem é legitimada todos os dias nos discursos jornalístico e policial, o que cria uma certa desconfiança e aversão por parte dos moradores dos demais bairros da cidade. Mesmo com a veiculação, por parte da imprensa em geral, sobre o alto índice de violência local, percebemos, ao conversar com os seus moradores, há um outro discurso quando dizem que têm orgulho de morar no bairro. Partiu daí o nosso interesse em descobrir quais os códigos de sociabilidade estabelecidos entre os moradores locais que os levam a defender e perpetuar outras representações e não só a da violência<sup>1</sup>.

Desde 2001 passemos a lecionar como professora de História no E.E.E.F José Pinheiro, o que nos deu maior comodidade e acesso ao local. Assim fomos tendo contato com os moradores e descobrindo novas identidades, diferentes daquela imagem negativizada. Não só nossa experiência profissional no local abriu-nos possibilidades de perceber as outras apropriações do bairro, como também leituras que mesmo produzidas a partir de um outro lugar de interesse, que não o nosso, nos deram uma referência das múltiplas representações que o bairro desperta a partir das experiências mais singulares<sup>2</sup>.

O nosso contato com as pessoas do local nos fez perceber discursos diferenciados sobre o bairro. O José Pinheiro também conhecido como “Zepa” é

---

<sup>1</sup> Percebemos nos discursos dos moradores mais antigos quando perguntados sobre a violência local que essa se deve às favelas que foram surgindo ao redor do bairro e acabam, segundo eles, por denegrir toda a zona leste associada logo ao José Pinheiro por ser o bairro mais conhecido e agregar tais favelas. São consideradas favelas o Vulcão, A Cachoeira, Monte castelo.

<sup>2</sup> Uma dessas referências é GURJÃO, Eliete Queiroz (org). O Bairro José Pinheiro: Ontem e Hoje; Secretaria da Educação e Cultura, João Pessoa, 1999.

apropriado de formas diferenciadas pelos mais variados grupos sociais, não só locais como também da própria cidade. O termo “Zepa” para os moradores de outras localidades da cidade soa de forma pejorativa, e está sempre associado à marginalidade. Nos limites daquele espaço urbano esse termo ganha outras dimensões e sentidos. Segundo seu Agripino, morador do bairro há mais de 40 anos, o termo assume um sentido pejorativo como ele mesmo relata *“é o significado de vagabundagem, de malandragem, é gíria, a questão de drogas, essas coisa...eu tenho certeza que é uma palavra que pra nós não funciona não, Zepa!”*. Já para seu Vavá, também morador antigo do bairro, o termo “Zepa” seria uma forma carinhosa de se referir ao bairro, não seria outro o motivo que levou a escola de samba Bambas do Ritmo, presidida por seu ele, a homenagear o bairro com o samba-enredo *“Ontem, Hoje, Sempre Zepa”* no carnaval 2004. Assim como seu Vavá, Marcelino também dá um outro sentido para o termo que não o associado a violência. Para Marcelino, que é chargista e desenvolve um trabalho bastante original no bairro, pois todos os meses faz uma charge no muro da sua casa, ao assinar os seus desenhos se identifica como Zepa. Para ele assinar “Zepa” é uma forma de resistir ao preconceito associado a tal termo *“é o bairro onde eu moro e que eu gosto dele e tão usando de preconceito contra o bairro, então eu vou adotar esse nome que me colocaram”*.

Mesmo com essas diferentes concepções a respeito do termo, todos os moradores entrevistados por nós declaram a sua satisfação em morar no José Pinheiro, satisfação essa associada as suas experiências vivenciadas naquele bairro. Através das suas lembranças perceberemos um carinho e emoção por parte desses moradores que ao falar do bairro a partir das suas experiências deixaram fluir a simplicidade e ao mesmo tempo a riqueza das suas vidas que se entrelaçam

na vida dos outros formando uma teia de relações que construíram e reinventaram a cada dia aquele espaço comum a todos.

A nossa intenção é reelaborar uma história local a partir das vozes dissonantes que muitas vezes são silenciadas. Através das histórias dos mais diversos personagens, procuramos reproduzir imagens de um tempo que se mostra permeado pelos mais diversos relatos. Um tecido de retalhos costurado por alegrias, tristezas, conflitos, dores, conquistas, laços afetivos que criaram lugares de pertencimento e distanciamento, mas que estabeleceram regras e práticas de “vivência”, “convivência” e “conveniência”.

Optamos aqui por uma história do cotidiano em que pessoas comuns relatam suas experiências de vida dentro de um espaço – o bairro – com qual se sentem identificados ou não, e sendo assim sujeitos históricos com grande capacidade de criar e reinventar o seu espaço.

Ao percorrer as próximas páginas, o leitor terá contato com a nossa tentativa de reconstruir uma outra imagem ou outras imagens do José Pinheiro, bairro localizado na zona leste da cidade de Campina Grande, Paraíba. Dividiremos com os leitores as impressões e registros que nos foram confiados, as múltiplas experiências vivenciadas pelos nossos colaboradores que, gentilmente, se prestaram à realização desse trabalho.

Foi a partir desses depoimentos, bem como de algumas pesquisas em arquivos da cidade (Museu Histórico de Campina Grande, Diário da Borborema, arquivos pessoais) que reconstruímos uma outra história do bairro. Através das várias histórias dos populares buscamos perceber o que faz de José Pinheiro um bairro diferente dos demais da cidade. Sendo então a nossa intenção, entender os códigos que estabeleceram as representações, as formas de “consumir” o bairro, as

suas sensações de pertencimento, de participação e até mesmo de distanciamento dos diversos grupos que ali moraram ou moram.

O nosso trabalho está dividido em quatro capítulos, nos quais procuraremos discutir as múltiplas imagens do “ser” morador do bairro José Pinheiro a partir das mais variadas manifestações culturais e sociais do local. Sendo assim, teremos no capítulo I intitulado *Uma leitura sobre o bairro*, uma discussão mais teórica, mediada pela leitura de Michel de Certeau a respeito desse tipo de espaço urbano. Faremos aqui uma leitura sobre o bairro que ultrapassa a simples descrição física, como um local estrategicamente organizado para atender um projeto urbano. Mas, como também um “lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social”.

No capítulo II, “*A arte de fazer, a arte de viver*”, tentaremos discutir um pouco da nossa impressão a respeito daquele local – o qual conhecemos só de passagem, por não pertencermos aquele território -, bem como buscar entender a construção da identidade do bairro com o popular José Pinheiro, antigo morador do bairro o qual leva o seu nome.

No capítulo III, intitulado *Histórias de um bairro(re)visitando memórias e conflitos*, trabalhamos os seus ritos de diversão, a inventividade dos seus moradores. Nos direcionamos para relações culturais, sociais e política do bairro, estabelecidas a partir das suas festividades como: desfile carnavalescos, os antigos pastoris e forrós, a primeira difusora do bairro, as experiências do futebol que marcaram a trajetória do Campinense Futebol Clube, de lazer e de serviços comunitários, no caso deste último aspecto, trataremos de dois espaços de serviços assistenciais, um ainda em plena função (a SAB) e a outra desativada (o Círculo Operário), por entendermos estas com duas instituições que propiciaram experiências particulares para os moradores daquele bairro. A partir desses

capítulos tentaremos perceber como os moradores se apropriaram daquele espaço urbano e o moldaram para tais “tradições” tão presentes ainda hoje na memória local?

## CAPÍTULO 1

### UMA LEITURA SOBRE O BAIRRO

Sempre fazemos e ouvimos referência ao e sobre o bairro como um lugar de limitações geográficas que possibilitam uma maior precisão daquilo que se fala e se faz do espaço urbano. Segundo o dicionário Aurélio, o bairro é definido como “cada uma das partes que se costuma dividir uma cidade ou vila, para mais precisa orientação da pessoa e mais fácil controle administrativo dos serviços públicos”. (HOLANDA: 2001: 81)<sup>3</sup>.

Nessa perspectiva, o bairro se constitui como um espaço coletivo de um determinado grupo social – moradores – que desfrutam, ou não, de alguns serviços públicos como: transportes, esgotamento (saneamento), energia, telefonia, escolas, hospitais, postos de saúde, postos de segurança, Sociedades de Amigos do Bairro ou outras associações comunitárias, etc. Seriam esses os elementos que proporcionariam um melhor ambiente e bem estar aos que desfrutam desse espaço público. Outros elementos que dariam uma dimensão do bairro nos seus aspectos físicos seriam as suas praças, ruas, avenidas, tipos de habitação. Esses elementos denunciariam outra dimensão desses espaços públicos, que seria a dos seus aspectos sociais. Através deles identificaríamos o caráter popular ou elitista do bairro. Uma leitura sociológica desses aspectos possibilita uma visão das relações

---

<sup>3</sup> FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda.in: Mini Aurélio – O mini-dicionário da língua portuguesa século XXI. Nova Fronteira, 2204.

vivenciadas a cada dia por seus moradores. O surgimento dos bairros é marcado por lutas e conflitos, que acabam por definir as relações entre os seus moradores. Talvez, seja esse o aspecto mais singular que esses espaços apresentem e sirva como ponto de partida para análise deste trabalho.

Para além dos aspectos puramente administrativos, o bairro se apresenta como um espaço de “práticas culturais” de seus moradores ou ainda de seus usuários. Tomamos aqui o conceito de “práticas culturais” de Michel de Certeau que as define como uma

combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (menu gastronômico) ou ideológico (religiosos, políticos) ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através de comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos de discurso.(CERTEAU, 1997, 39-40)<sup>4</sup>.

O bairro José Pinheiro localizado na zona leste da cidade de Campina Grande, propicia aos “forasteiros” – moradores de outras localidades que trabalham ou o visitam - algumas percepções diferenciadas dos seus locais habituais. O bairro apresenta toda uma estrutura comercial, que a grande parte dos bairros da cidade não tem, o que dá ao local uma maior autonomia com relação ao comércio “tradicional” do município, localizado no centro da cidade; aumentando assim, um maior contato entre os seus moradores e estabelecendo, talvez, uma maior complexidade de suas relações, moldando e recriando o cenário da convivência entre os vários sujeitos que moram no bairro. Este como espaço de relações coletivas acaba por submeter os moradores a códigos sociais que por sua vez possibilitam um tipo de convivência entre os seus moradores. No bairro “é preciso

---

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel. In: **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. .

*conviver*". Segundo Certeau "um individuo que nasce ou se instala em um bairro é obrigado a levar em conta o seu meio social, inserir-se nele para poder conviver". (CERTEAU, 1997, 47)<sup>5</sup>

O bairro pode ser percebido também como um lugar que estabelece as mais diversas relações, instituições de códigos e representações dos múltiplos sujeitos que, a cada dia, o percorrem. Ainda reforçando essa idéia Febvre defende que "o bairro corresponde à escala territorial que é definida também por um módulo social, ou melhor, é onde há maior convergência entre o espaço geométrico e o espaço social, entre o quantitativo e o qualitativo".(CERTEAU; 1997:38)<sup>6</sup>. O bairro se apresenta, assim, nessas duas dimensões, a geométrica e a social, que são percebidas e classificadas por Michel de Certeau dentro de duas problemáticas: a sociologia urbana do bairro e a análise sócio-etnográfica da vida cotidiana, respectivamente.

Todos nós, mesmo sem percebermos, utilizamos o espaço do bairro como um espaço de "consumo" no momento que estabelecemos as relações de vizinhança, relação com os comerciantes, à utilização dos seus serviços, das suas áreas de lazer; ele se torna um espaço de "vivência", "convivência" e "conveniência" que vai traçando o perfil singular de cada um desses limites urbanos, dentro de um outro espaço de dimensões maiores, a cidade.

O José Pinheiro é um bairro que apresenta uma divisão social acentuada, pois é constituído por locais considerados "nobres", onde habitam os comerciantes bem sucedidos, os políticos, etc; como também por várias favelas o que causa discursos diferenciados sobre o mesmo, bem como, formas díspares do seu "consumo" por parte dos múltiplos sujeitos que o compõe. É fácil perceber nas falas

---

<sup>5</sup> Ibidem

<sup>6</sup> Idem. Ibidem



dos moradores mais periféricos da localidade os seus modos de conceber aquele espaço urbano. Para muitos, o José Pinheiro é entendido só como a Rua Campos Sales, a principal, onde se localiza a parte comercial do bairro e apresenta um aspecto mais elitizado. Segundo Certeau;

O sistema das relações humanas induz uma prática seletiva do espaço urbano: ele corta pedaços de território cuja seleção é significativa, como valor de oposição, tanto do ponto de vista cultural como político (no sentido muito difuso dessa palavra). O fato de pertencer a um bairro, quando corroborado pela pertença a um meio social específico, vem a ser uma marca que reforça o processo de identificação de um grupo determinado. (CERTEAU;1997:84)<sup>7</sup>

O próprio nome daquele espaço urbano é um ponto de divergência entre os grupos de moradores. O bairro leva o nome de um popular que era conhecido na região pelo seu conhecimento acerca de ervas curativas, sendo sempre consultado por seus contemporâneos para exercer o seu papel de curandeiro; bem como, pelos seus forrós, promovidos num salão construído pelo mesmo, ao lado da sua própria residência para um único fim, a diversão da comunidade. Ao fazer referência as suas festas, os moradores passaram a associar o “Forró de Zé Pinheiro” aquela localidade, antes conhecida como Açude Velho<sup>8</sup>. Há, nesse sentido, uma construção de identidades que perpassam os mais diversos discursos dos moradores locais.

O nosso trabalho, pautado pelas idéias de Michel de Certeau, tenta perceber os códigos sociais que estabelecem o ser morador do bairro José Pinheiro, para Certeau o bairro se constitui como um lugar da “encenação da vida cotidiana”, que extrapola a análise puramente especulativa de um recorte no campo social e aponta

---

<sup>7</sup> Michel de Certeau – op.cit.

<sup>8</sup> A referência sobre este assunto está no trabalho da professora Eliete Gurjão intitulado O Bairro José Pinheiro: Ontem e Hoje. Secretaria da Educação e Cultura, João Pessoa, 1999. Este constitui-se como uma das representações da história local que, assim como outros trabalhos com a mesma perspectiva, serão lugares de diálogo para a produção deste trabalho.

para as relações que são estabelecidas nesse espaço público e que se mostra como uma possibilidade da vida cotidiana e que, *“molda de maneira decisiva a noção de bairro”*.(CERTEAU;1997:38)<sup>9</sup>

Para Michel de Certeau existe uma problemática que perpassa a organização da vida cotidiana e que se articula segundo dois registros: os comportamentos e os benefícios que se espera obter. Os comportamentos se expressam no espaço social da rua através do vestuário, pelos códigos de cortesia, o ritmo de andar, etc. Enquanto que os benefícios simbólicos se traduzem pela *“maneira de se portar”*, o que implica em uma maior complexidade por buscar aqui uma interpretação dos símbolos e não só a simples descrição. *“O bairro aparece, nesse sentido, como o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social...uma arte de conviver com parceiros que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição”*.<sup>10</sup> (CERTEAU; 1997:39)

Estudar as práticas e relações instituídas, reelaboradas, reinventadas e até forjadas dentro deste espaço público – o bairro – se apresenta como um lugar da discussão de como se formaram essas áreas e quais lutas e conflitos delinearam e estabeleceram a vida de homens e mulheres comuns que habitam tais espaços. Assim como para Certeau nos interessa o dia a dia do homem *“ordinário”*, que segundo ele, cria práticas cotidianas como uma forma de resistência. Através da sua astúcia, defende ele, homens e mulheres comuns ou ordinários procuram burlar os códigos de enquadramento e instituem outros códigos que se apresentam de forma minuciosa e representam as resistências e lutas dos mais diversos grupos sociais<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Michel de Certeau Op.cit.

<sup>10</sup> Michel de Certeau Op.cit.

<sup>11</sup> Sobre isto ver SOUZA, Antonio Clarindo B. de Souza – *“Arrochar a titela, chambregar e criar um furdunço”* in: **A Paraíba no Império e na República**: Estudos de História Social e Cultural; João Pessoa; Idéia, 2003.

O interesse de Michel de Certeau pelas relações sociais estabelecidas a partir de um determinado local – o bairro – que se constitui como um recorte geográfico atende a uma proposta metodológica historiográfica denominada de antropologia histórica ou história antropológica. A atenção aqui se volta para temas pouco convencionais, pelo menos para os historiadores mais tradicionais, os chamados temas minúsculos, definidos como: a história de indivíduos, de comunidades, dos pequenos enredos construídos a partir de tramas classificadas muitas vezes como banais por envolver gente comum.

É nesse contexto que Certeau escolhe o bairro para tratar de tramas, em que procura pesquisar de forma indiciária os vestígios das práticas micro que perpassam a vivência de grupos formados pelos chamados “anônimos”. A essa análise que segue uma tendência da micro-história Ginzburg define da seguinte maneira: *“Por um lado movendo-se em uma escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável em outros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe-se indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula.”* (VAINFAS; 2002:111)<sup>12</sup>.

A intenção de muitos historiadores da micro-história é representar uma história do ponto de “vista dos de baixo”, revelando assim sua particularidade em contraponto a outras tendências historiográficas que teriam a preocupação em trabalhar com uma história voltada para as linguagens e representações.

... a micro-história não se preocupa em definir a fundo e a priori, quer na pesquisa, quer na exposição dos casos, o caráter da sociedade na qual se insere o enredo, a comunidade ou o personagem estudado. Mais importante do que o caráter geral da sociedade estudada...é a teia social concreta onde os atores se

---

<sup>12</sup> VAINFAS, Ronaldo. In: **Os protagonistas anônimos da história: micro – história**; Rio de Janeiro; campus, 2002.

movem, exercendo múltiplos papéis sociais e individuais...(VAINFAS,2002:116)<sup>13</sup>.

A ênfase aqui é dada às representações das facções mais populares da sociedade, aos seus modos de experienciar novas e velhas práticas a elas impostas, que acabam por constituir uma teia social de vivências singulares.

Este trabalho está diretamente relacionado a uma linha historiográfica, que vem, a cada dia, ganhado maior espaço de discussão, bem como abrindo um leque de possibilidades de se fazer história. Sendo assim, parece-nos pertinente fazermos um diálogo com a chamada Nova História Cultural que pensamos nos dará suporte teórico para o desenvolvimento do mesmo, visto que, foi a partir do diálogo com esta, que a micro-história e a antropologia histórica se sobressaíram, assumindo caminhos teóricos próprios.

A produção historiográfica atual é um desdobramento de um outro lugar da produção do conhecimento histórico, a escola dos Annales, que inovou a atenção aos seus objetos de estudos. Herdamos nesse sentido, a forma de interagir com os conhecimentos sociológicos, antropológicos, etnográficos, psicológicos, lingüísticos, etc; falamos aqui, na interdisciplinaridade entre a História e as Ciências Sociais. Os Annales teve como intenção *“tirar a história do seu isolamento disciplinar de forma que as formas de pensar em História, estejam abertas as problemáticas e a metodologia existentes em outras ciências sociais...”*( LACERDA FILHO)<sup>14</sup>

A Escola dos Annales, também inovou o diálogo com as fontes históricas, e não só, ela também alargou a sua concepção, passando a entender estas como: tudo aquilo que nos diga algo sobre a vida de homens e mulheres, ou ainda segundo Jaques Le'Goff *“tudo que pertence ao homem, depende do homem, exprime o*

---

<sup>13</sup> Ibidem.

<sup>14</sup> Artigo publicado na Internet. [www.revelacaoonline.uniube.br](http://www.revelacaoonline.uniube.br). Acessado em 22.05.2005

*homem, demonstra a presença, a atividade os gostos e as maneiras de ser do homem” (Le'GOFF;1994:64)<sup>15</sup>. Destaque aqui para a relevância que se dar às fontes visuais e orais.*

O José Pinheiro nos parece um lugar que apresenta uma gama de possibilidades de realizamos pesquisas a partir de indícios que nos prestarão a uma busca de práticas experienciadas pelos moradores mais antigos (o bairro foi um dos primeiros a ter um cinema próprio, as primeiras experiências de radio difusão da cidade, fundador do Campinense Futebol Clube, etc), bem como, possibilitarão construções coletivas de representações de grupos sociais que participaram de atividades desenvolvidas no bairro e que forneceram subsídios para as múltiplas identidades do “ser” morador do José Pinheiro. Utilizaremos aqui a memória reelaborada a partir de relatos orais, discursos jornalísticos, imagens que retratam as práticas cotidianas da comunidade, trabalhos acadêmicos e literários sobre a história do bairro.

De forma geral falamos um pouco sobre as inovações historiográficas feitas pela escola dos Annales, dando ênfase àquelas que englobam questões envolvendo o nosso objeto de estudo, que serão tratadas de forma mais específica com os autores que darão embasamento a este trabalho e que se apresentam como precursores da Nova História Cultural, por apresentarem conceitos e temáticas com os quais nos identificamos.

Michel de Certeau, Carlo Ginzburg e Roger Chartier se apresentam como possibilidades de diálogo em nossa pesquisa, por discutirem em seus trabalhos

---

<sup>15</sup> LE'GOFF, Jaques. **Memória e História**; Campinas/SP,1994

historiográficos conceitos e temáticas como: representação, práticas cotidianas, conflitos sociocultural, cultura popular.

A Nova História Cultural se apresenta como uma história plural, preocupada com o informal e o popular, abrindo assim caminhos alternativos para a investigação histórica. Segundo Vainfas a chamada nova história cultural... revela especial apreço pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências, as crenças heterodoxas. Em resumo, a nova história cultural revela uma especial afeição pelo informal, sobretudo pelo popular. (VAINFAS, 2002, p.57)<sup>16</sup>

Para Ginzburg a cultura pode ser definida como *“o conjunto de atitudes, crenças, códigos, comportamentos próprios das classes subalternas em um certo período histórico”*.(GINZBURG: 1986:16). Elementos esses que podemos analisar de forma que nos permitam representar os conflitos socioculturais que perpassam determinados grupos em uma determinada época. Chartier concorda com a discussão de Ginzburg em torno da cultura como uma prática, mas trabalha com uma outra categoria, a de representação. A contribuição deste autor para a Nova História Cultural dá-se no sentido de pensá-la com a preocupação de... *“decodificar a realidade do já vivido por meio das suas representações, desejando chegar àquelas formas pelas quais a humanidade expressou-se a si mesmo e o mundo”*. (LACERDA FILHO)<sup>17</sup>

Dentro desse contexto, podemos entender a intenção da micro-história como uma busca de uma descrição mais realista do comportamento e atitudes humanas, no momento em que emprega um modelo de ação que acaba dando voz a personagens deixados por muito tempo no esquecimento. Segundo Pesavento seria esse o papel específico da micro-história dentro da Nova História Cultural... *“refutar o*

---

<sup>16</sup> Ronaldo Vainfas Op.cit.

<sup>17</sup> Lacerda Filho. Op.cit.

*relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos*".(LACERDA FILHO)<sup>18</sup>. Os estudos, nesse sentido, assumiram uma análise mais criteriosa e talvez mais democrática, no momento em que tiram do anonimato sujeitos históricos, a muito esquecidos pela historiografia tradicional.

A micro-história, como já foi citado, dá ênfase a temas minúsculos, obscuros, de forma a reconstituir a história "a partir de baixo". Sendo assim, a espacialidade desta análise se volta para "o local, a aldeia, o bairro, o círculo de vizinhança, até mesmo a casa, de preferência a região ou mesmo o município..." (VAINFAS, 2002,136). Foram os relatos de pessoas comuns, que nos deram uma outra possibilidade de perceber as múltiplas relações estabelecidas entre os moradores do bairro José Pinheiro.

Nessa perspectiva, Michel de Certeau nos fornece uma base sólida de pesquisa, visto que trabalha com a análise das relações sociais que se estabelecem no bairro, objeto de pesquisa de sua obra *A invenção do cotidiano 2. Morar e cozinhar*. O bairro é analisado por Certeau como um espaço onde se instituem práticas que fazem desse recorte geográfico um lugar possível de se morar, em que os códigos de sociabilidade são tecidos a partir das vivências dos seus moradores. São as experiências, muitas vezes conflituosas que vão fazer do bairro o "cenário da vida cotidiana".

Considerando tudo isto, o bairro José Pinheiro se constitui em nosso objeto de estudo por nos parecer um bairro diferenciado dos demais, tanto em sua estrutura física – apresenta características e aspecto das chamadas "cidades pequenas" o que lhe dá uma certa autonomia das estruturas centrais da cidade –

---

<sup>18</sup> Ibidem. Op.cit.

quanto na história, já que é lembrado pelos seus moradores mais antigos como um bairro pioneiro em alguns aspectos socioculturais de grande influência para a cultura local; destacamos aqui as festividades populares, a fundação de um dos times renomados da Paraíba (o Campinense Futebol Clube), as primeiras experiências de radiodifusão, entre outras singularidades deste, esquecidas e suplantadas por discursos oficiais que atribuem ao bairro uma identidade pouco confortável aos seus moradores, já que este é conhecido na atualidade como uma das localidades mais violentas da cidade de Campina Grande.

É com o intuito de identificar, apresentar, reconstruir coletivamente outras representações, diferentes daquelas negativizadas atribuídas aquele bairro, que desenvolvemos este trabalho e buscamos reelaborar uma memória pertencente aos seus moradores mais antigos como forma de criar um outro lugar de interpretação das práticas vivenciadas por seus populares.

A memória foi uma categoria primordial para a realização deste trabalho, pois só a partir dela pudemos reconstituir uma representação das vivências de pessoas simples, comuns que guardam suas reminiscências como fontes de lembranças das experiências passadas, ora tristes, ora alegres, mas que pertencem a elas e dessas não podem fugir, apenas guardá-las e não dividi-las. Mas ao dividi-las, através de depoimentos, reconstroem imagens, representações de lugares, de práticas, de pessoas que dividiram junto com elas sensações, pensamentos, lugares, histórias...de uma outra época. Mesmo que a memória apresente uma certa vulnerabilidade por se constituir como seletiva, fluída, ela também possibilita um lugar bastante significativo para a reelaboração de representações de grupos populares que durante muito tempo foram ignorados, marginalizados por uma historiografia tradicional.



É a partir desse pressuposto que tentaremos perceber os múltiplos discursos que perpassam os lugares sociais e culturais dos seus moradores e que estabelecem as diversas formas de se pensar o bairro.

O espaço, seus atores e suas práticas, talvez nos dêem um caminho para que percebamos como o local foi sendo pensado, ora como um bairro festivo, atrativo, ora como um dos mais violentos da cidade.

A nossa intenção aqui, é tentar perceber como os seus moradores vêm, ao longo dos anos, inventando e reelaborando as identidades do ser morador do bairro José Pinheiro. José Pinheiro, nomenclatura geralmente recorrente nos discursos que apresentam uma narrativa permeada pela oficializada e/ou “Zepa” utilizada pelos discursos pejorativos, informais e preconceituosos, que tramas e discursos criaram e criam tais representações e quais grupos se identificam com uma e outra identidade local? Como elas são representadas pelos seus vários grupos?

## CAPITULO 2

### “A ARTE DE FAZER, A ARTE DE VIVER”

O bairro, espaço físico que abriga experiências, práticas de vários grupos sociais, de relações interpessoais, de convivências diárias, de trocas de informações, confidências, intrigas, alegrias, lutas, despedidas, perdas...seria o cenário das histórias de pessoas quase anônimas se não fosse o reconhecimento dos seus pares, moradores, vizinhos que, muitas vezes dividiram anos e anos de vivências; participando, inventando, conquistando, construindo o seu espaço quase imperceptível diante de valores que suplantam experiências mais “simples”, mas não menos criativa na arte de viver. Essas pessoas encontramos todos os dias nas ruas, exercendo suas mais diversas funções, aquelas mais pragmáticas, mecânicas relacionadas ao trabalho, às compras... que quase sempre acabam anulando o sujeito como indivíduo diante de um coletivo que forma o corpo social. Talvez essa sensação se estreite mais quando voltamos nosso olhar para o bairro, onde o sujeito passa a ser identificado pelo nome, e porque não pelo apelido carinhoso, ou por um gesto íntimo, informal de cortesia que denota uma sensação de pertencimento, de um lugar comum para aqueles que freqüentam e consomem os mais diferentes lugares daquele espaço urbano (mercado, açougue, correio, praças, escolas, postos de saúde, etc), segundo Certeau;

... o corpo na rua vem sempre acompanhado de uma ciência da representação do corpo cujo código é mais ou menos, mais suficientemente, conhecido por todos os usuários e que eu designaria pela palavra que lhe parece mais adequada: a conveniência. (CERTEAU; 1997: 48)<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Michel de Certeau. Op.cit.

São essas sensações e sensibilidades que estabelecem tais códigos, que buscamos perceber entre os moradores do bairro José Pinheiro.

## 2.1 A PRIMEIRA IMPRESSÃO

Ao adentrarmos o bairro José Pinheiro, sentido centro/bairro do Mirante nos deparamos com um movimento bastante dinâmico e peculiar na Rua Campos Sales. A sensação que temos é que estamos em pleno centro da cidade devido, principalmente, às relações comerciais que se estabelecem naquela rua. A Campos Sales, segundo alguns memorialistas, foi a primeira rua do bairro, esta teria se formado ali a partir da aglomeração de habitações simples e que já surgiu com a “tradição” comercial, pois seus primeiros moradores tinham como principal atividade o comércio de hortifrutigranjeiro, produtos estes obtidos a partir do próprio cultivo e criação desenvolvidos nos quintais de suas casas<sup>20</sup>. Mas, não nos interessa aqui a provável origem daquela artéria, e sim, como é que ela foi sendo apropriada pelos moradores locais como a principal rua do bairro.

Para seu Agripino o José Pinheiro é “uma cidade dentro da cidade”; seguindo esse raciocínio, a Rua Campos Sales seria o “centro” dessa outra “cidade”; nada mais justo, pois lá acontecem as mais variadas relações comerciais que torna o bairro independente no que diz respeito a serviços que, na sua maioria, estão localizados no centro da cidade; *“Zé Pinheiro é uma cidade, tem tudo que você quiser...tem mercadinhos bons, padaria de primeira grandeza, tem hospital, tem farmácia; você pode construir sem sair do José Pinheiro, o povo é bom...”*.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> GURJÃO, Eliete Queiroz (org.). **Bairro de José Pinheiro: Ontem e Hoje**; Secretaria da Educação e Cultura, João Pessoa, 1999.

<sup>21</sup> Depoimento concedido à autora no dia 11/01/2006 pelo seu Agripino.

Pegando o gancho de seu Agripino tentaremos descrever aquela que seria a convergência das relações comerciais daquele bairro.

Assim que o adentramos pela Rua Campos Sales encontramos do lado esquerdo o antigo abrigo e que é hoje parada de ônibus, este abrigo lembra muito as rodoviárias das cidades pequenas do interior; uma praça de táxi e moto-táxi que acrescem as opções de transportes de passageiros daquele local; já no lado direito, ainda no começo da rua encontramos a Farmácia Popular e um estacionamento de veículos. Continuando o percurso encontramos supermercados, oficinas, padarias, açougues, lojas de tecido, bazar, casas lotéricas, materiais de construção, locadores de filmes, cybers (lojas de acesso à internet), farmácias convencionais, óticas, consultórios odontológicos, lojas de concertos, etc. e não menos notados e importantes os comerciantes ditos informais que ocupam as calçadas com suas barracas bastante coloridas com frutas, verduras, raízes e algumas especiarias.

Assim como as pessoas dos bairros periféricos se referem ao centro como a “cidade” dando a entender que só aquela parte central representa a urbes; no referido bairro as pessoas nos passam a mesma sensação, a Rua Campos Sales atende a essa mesma lógica em relação ao José Pinheiro. É freqüente escutarmos moradores locais falarem “vou a José Pinheiro” se referindo a Rua Campos Sales quando saem de outros locais do bairro para desfrutar de alguns serviços encontrados, exclusivamente, naquela via.



Foto 1 - inauguração do Abrigo do José Pinheiro (fonte arquivo pessoal de Allyson Campina)



Foto 2 - Abrigo do José Pinheiro hoje 2006 (fonte: arquivo pessoal da autora)

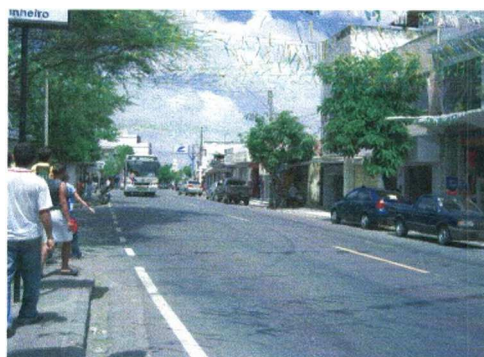


Foto 3 - Rua Campos Sales asfaltada em 2006 (fonte: arquivo pessoal da autora)

Mas o que nos dá um diferencial do centro comercial da cidade para o “centro comercial do bairro”, são as relações estabelecidas entre as pessoas que integram aquela dinâmica local. O comércio no bairro apresenta códigos diferenciados daqueles do centro da cidade, esta última se assemelha mais à multidão formada por pessoas anônimas. No bairro notamos que a “encenação” é outra. As pessoas caminham mais tranquilas, ficam mais a vontade pela proximidade e pela comodidade de conhecer não só o espaço físico, como também as pessoas que trafegam as mesmas ruas e que possivelmente são pessoas bastante “familiares” quando não amigos, parentes, vizinhos. Muitas vezes são essas mesmas pessoas que desenvolvem as funções de atendente das mais diversas casas comerciais, deixando essas relações mais cômodas. O encontro com velhos amigos, geralmente, torna-se uma agradável surpresa, ou mesmo o seu contrário. A proximidade com as pessoas permite uma troca de confidências, de informação, de um comentário sem muita presa, afinal a sua casa é logo ali no máximo a dois quarteirões.

Além desses aspectos, ligados mais ao comércio, a Rua Campos Sales é sempre lembrada como o cenário de vários acontecimentos culturais, religiosos e por que não políticos. Ela está presente na memória dos seus moradores mais antigos, que ao falar-nos das suas reminiscências nos fizeram várias vezes referências àquela rua, como lembra seu Agripino ao se referir aos eventos festivos do bairro...*“todas elas sempre foram realizadas na Rua Campos Sales...e José Pinheiro morava ali, Pedro Agra morava no lado de cá e era sempre localizada naquele setor ali...daqui da Igreja de São José até chegar em baixo na feira de trocas, pra cá...”*<sup>22</sup> Os passeios de domingo embalados pelas músicas executadas

---

<sup>22</sup> Depoimento concedido à autora no dia 11/01/2006 pelo seu Agripino.

pela difusora de seu Gaúcho, aconteciam na Campos Sales, bem como as retretas, os flertes dos mais ousados, os shows de calouros, as quermesses promovidas pela Paróquia São José. Seria a Rua Campos Sales o cenário dos sonhos, das lembranças de senhores e senhoras que outrora brincavam, se divertiam e se enamoravam naquelas imediações.

A Rua Campos Sales, pela sua representatividade local, já foi pauta de discussão entre alguns moradores que colocaram em questão o seu nome. Uma das famílias mais antiga do bairro propôs a elaboração de um projeto para mudar o seu nome; ela receberia o nome de um ente dessa mesma família, mas segundo seu Agripino, vereador na época responsabilizado por lançar o projeto, alguns moradores foram contra a idéia de mudança e essa possibilidade foi descartada,

Uma filha de Pedro Agra falou comigo para eu fazer um movimento para mudar a Rua Campos Sales para Pedro Agra, e eu disse a ela que eu iria pensar e procurei ouvir na Rua Campos Sales 30 pessoas, daquelas das mais tradicionais, inclusive gente que era parente dos Agra e todo mundo foi contra. Disseram a mim 'não faça uma coisa dessas, de jeito nenhum! Pedro Agra vai receber o nome de uma rua em outro canto, mas aqui é Campos Sales, é tradição'<sup>23</sup>.

A mudança de nome para muitos, talvez fosse uma perda de referências não só daquelas ligadas ao espaço físico (questão mais pragmática de endereço), como também, de uma identidade das experiências vivenciadas por eles ali.

---

<sup>23</sup> Ibidem.

## 2.2 A INVENÇÃO DE UM PERSONAGEM

Nossa intenção aqui, não é ensaiar uma biografia de José Pinheiro, mas sim traçar um perfil desse personagem a partir dos relatos de quem conviveu com ele e de uma certa forma o conheceu. Assim, buscaremos perceber como foi se construindo a identificação do homem José Pinheiro com o bairro que, não por acaso, leva o seu nome.

José Pinheiro chegou a Campina Grande, vindo de Alagoa Grande, na década de 1930 e se estabeleceu onde é hoje a Campos Sales, segundo sua sobrinha dona Iaponira Santos Morais de 50 anos, seu tio foi o fundador do bairro. Ela nos relatou algumas histórias que sua avó, mãe do nosso personagem, contava do seu tio que o levou a sair de Alagoa Grande para esta cidade, segundo ela *“Zé Pinheiro arrancou uma botija e veio para cá, tinha que se mudar da cidade, do local, então ele veio para cá e aqui se estabeleceu no ano de 30, veio com a família dele”*.<sup>24</sup>

Seu José Pinheiro não era um homem de posses, nem possuía uma cultura letrada, mas era dono de uma sabedoria popular, tinha um vasto conhecimento a respeito de ervas curativas; além disso, seu José Pinheiro se mostrou como um grande empreendedor, pois este foi responsável por desenvolver no bairro alguns movimentos festivos como: forrós e pastoris realizados em sua própria casa. Algumas falas fazem referências a seu José Pinheiro a partir desses dois aspectos, a exemplo de seu Agripino;

O pastoril de José Pinheiro naquela época era uma diversão porque tinha nos sábados e domingos, de tarde e de noite e o povo gostava

---

<sup>24</sup> Depoimento concedido à autora em 24/03/2006 por dona Iaponira.



muito e tinha o pastoril que tinha o cordão azul e encarnado e o povo se reunia... gostava daquilo ali, era bonito as meninas cantando e aquilo dava um incentivo...<sup>25</sup>

E ainda seu Jeová ao recordar de seu José Pinheiro relata, *“ele era curandeiro. Ele fazia remédio para dar ao povo, pra curar o povo...ele tinha uma mercearia que vendia cachaça, agora ele se dava muito bem como o povo”*.<sup>26</sup>

Dona Iaponira nos confidencia que naquela época *“o povo dava muito valor a remédio de homeopatia, então a casa era cheia. Ele tinha mercearia, mas ele passava muito remédio caseiro”*.<sup>27</sup>

A partir dessas falas percebemos que seu José Pinheiro prestava seus serviços a um número muito grande de populares que sempre recorriam aos seus conhecimentos para algum tipo de cura. Segundo nos relata dona Iaponira, seu tio teria sido “enfermeiro” do quartel no período em que este foi reservista, e quando saiu do quartel continuou prestando seus serviços como enfermeiro;

*“minha avó falava que ele era ‘enfermeiro’ lá no quartel e então depois permaneceu fazendo consultas pro povo. No sábado, dias de feira, a casa dele era cheia de pessoas que vinham do sítio pra ele passar medicamentos”*.<sup>28</sup>

Há nesse sentido uma busca por parte da família de seu José Pinheiro em dar uma profissão ao mesmo, legitimada pela sociedade. Enquanto que para os moradores ele era um curandeiro, para os seus parentes, mesmo que reconhecendo a sua falta de estudo e a sua sabedoria com relação às ervas curativas, o que ele desenvolvia era a prática da “enfermagem”. Talvez a tentativa

---

<sup>25</sup> Depoimento concedido à autora em 11/01/2006 por seu Agripino.

<sup>26</sup> Depoimento concedido à autora em 14/03/2006 por se Jeová.

<sup>27</sup> Depoimento concedido à autora em 24/03/2006 por dona Iaponira.

<sup>28</sup> Depoimento concedido à autora em 24/03/2006 pela senhora Iaponira.

de legitimizar a atividade de seu José Pinheiro, esteja ligada a recusa ao curandeirismo, atividade vista ainda com muito preconceito. Não só na fala de dona Iaponira sentimos um pouco de preconceito, como também na fala de seu Agripino, quando refere-se à questão do nome do bairro está relacionado a esse popular que oferecia ao povo saúde e alegria. Para “seu” Agripino “seu” José Pinheiro se sobressaiu aos outros moradores que, segundo ele, foram tão importantes quanto o nosso personagem, e nos relata;

quem primeiro morou aqui no José Pinheiro foi Marinheira Agra<sup>29</sup> mas, talvez não quiseram, não procuraram que o nome crescesse e Zé Pinheiro se sobressaiu, quando Zé Pinheiro chegou Marinheira Agra já estava no bairro, Zé Pinheiro chegou com a estrela na testa (risos).<sup>30</sup>

É como se existisse uma espécie de dívida da comunidade para com a família Agra pelo menos por parte de alguns moradores que uma vez por outra exaltam o nome da família, seria ela a merecedora do nome do bairro o qual “fundaram”? Seria apenas esse critério para tal homenagem? ainda seu Agripino,

Zé Pinheiro veio com a estrela na testa, quer dizer com uma intuição, foi uma dádiva de Deus para que ele viesse para José Pinheiro que o bairro ia se chamar José Pinheiro e o povo ia se dedicar muito a ele. Eu toda a vida me dei bem com José Pinheiro, sempre conversava com ele...<sup>31</sup>

E completa;

...e eu tenho hoje uma satisfação em dizer que existe uma rua aí chamada Marinheira Agra que foi na época que eu era vereador e Zé Everaldo Agra pediu a mim para eu apresentar esse projeto em

<sup>29</sup> A família Agra é considerada uma das famílias “tradicionais” do bairro e em alguns livros de memória é colocada como fundadora do mesmo.

<sup>30</sup> Depoimento concedido à autora em 11/01/2006 pelo senhor Agripino.

<sup>31</sup> Depoimento concedido à autora em 11/01/2006 pelo senhor Agripino.

1967...nós nos dávamos muito bem eu e Zé Everaldo, preparei o projeto e apresentei e hoje tem a Rua Marinheira Agra...<sup>32</sup>

Ou ainda dona Iaponira;

Eu não sei nem explicar, até porque tinham outras pessoas como Pedro da Costa Agra, tinha José Roberto, mas ele chegou e...como se diz hoje as pessoas pra receber o nome de uma rua, de um bairro é depois de falecido; e ele na época logo que se estabeleceu pronto! Por José Pinheiro e por isso ficou.<sup>33</sup>

A identificação do nome de “seu” José Pinheiro com o local, pelo o que podemos perceber, está relacionada com a sua popularidade, com seu assistencialismo e com os seus empreendimentos festivos. As pessoas tinham como principal referência do local nas décadas de 40 e 50 a sua “farmácia” (bodega, mercearia) e o seu “salão” de festas localizados na sua residência na Rua Campos Sales.

Além dos serviços prestados a comunidade, este também é lembrado como um homem cordial, simpático, como relata seu Jeová “ele só vivia na janela... era bom dia, boa tarde, boa noite, todo mundo que passava ele falava”. Como nos afirma Certeau; *“O terreno do simbólico é equivalente o da regra cultural, da regulação interna dos comportamentos como efeito de uma herança (afetiva, política, econômica)”*<sup>34</sup>. (CERTEAU;1997:50)

Nesse sentido, o nome do bairro está atrelado ao seu passado tecido pelas experiências de pessoas comuns; populares que em suas vivências diárias produziram sensibilidades até hoje presentes na memória dos moradores daquela comunidade, pelo menos dos mais velhos, que mesmo sem perceber reproduzem-

<sup>32</sup> Ibidem.

<sup>33</sup> Depoimento concedido à autora em 24/03/2006 pela senhora Iaponira.

<sup>34</sup> Michel de Certeau. Op.cit.

nas cotidianamente. A memória de seu José Pinheiro é um dos exemplos; esta se confunde com a própria história do bairro que por sua vez carrega, em seu nome, a “fama” de um homem simples, porém de uma grande sabedoria na arte de viver e conviver,

...como diz o velho ditado morre o homem fica a fama. Apesar de ele não ter sido um doutor, mas ele foi uma boa pessoa que simbolizou e ainda simboliza uma coisa muito forte, porque até nas música e em outras coisas mais a gente sempre relembra...<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Depoimento concedido à autora em 24/03/2006 pela senhora Iaponira Santos.

## CAPITULO 3

### HISTÓRIAS DE UM BAIRRO: (RE)VISITANDO MEMÓRIAS E CONFLITOS

O bairro José Pinheiro é citado em várias músicas de compositores locais e aparece sempre, nessas composições como um bairro de grande tradição festiva. Essa mesma “tradição” é lembrada por seus moradores, que ao falar das suas vivências no bairro fazem sempre referências aos símbolos de diversão que proporcionavam uma maior interação entre os próprios moradores do bairro, como também, de outros locais da cidade que se deslocavam dos seus bairros para participar dos entretenimentos que aconteciam no bairro José Pinheiro. Segundo seu Agripino, morador do bairro desde 1957, o José Pinheiro *“durante toda a vida foi um bairro de movimento, tinha pastoril, tinha festa de rua, tinha escola de samba...”*<sup>36</sup> são algumas dessas representações, que contribuem para a formação de um sentimento de pertencimento que voltaremos nossos olhares nesse capítulo, tentando perceber como os moradores através das festividades reinventam lugares e práticas que passaram a fazer parte do seu cotidiano.

---

<sup>36</sup> Depoimento concedido à autora em 11/01/2006 pelo senhor Agripino Batista

### 3.1 BAMBAS DO RITMO: “A ARTE NO CONTEXTO DA VIDA”<sup>37</sup>

A escola Bambas do Ritmo foi fundada em primeiro de janeiro de 1967 e teve como principais fundadores, Arlindo Nóbrega, Aécio Alves, Luis (Lula), Antônio Tomaz (Brega), José Valdomiro (Zezé), Josa, Maurício, Funga, Zé da Pinta<sup>38</sup>. Sua Primeira sede localizava-se na Rua Joana D'Arc onde permaneceu até 2001, passando a funcionar a partir de 2002 na Rua Campos Sales onde permanece até hoje. Seu primeiro presidente foi Arlindo Nóbrega que ficou no cargo durante três anos de 1967 a 1969; a partir de 1970 assumiu a presidência José Matias que dirigiu a escola em 1970 a 1976 e em 1977 assume seu Jeová Pedrosa, (Vavá)<sup>39</sup> que preside a escola até hoje; todos eles moradores locais.

Jeová Pedrosa dos Santos, mais conhecido como seu Vavá, nasceu no dia 22 de junho de 1937 na cidade de Campina Grande e sempre foi morador do bairro José Pinheiro. Sapateiro de profissão e carnavalesco de paixão, desde 1977 tem contribuído para a organização e realização dos desfiles da escola de samba Bambas do Ritmo. Através da fala de seu Jeová buscaremos relatar a importância que a Agremiação representa para alguns grupos daquela comunidade, da mesma forma que traçaremos um pouco da trajetória do carnaval de rua vivenciados por essa escola e por nosso personagem principal.

A Escola de Samba Bambas do Ritmo foi uma das primeiras a ser fundada na cidade de Campina Grande, por isso é considerada uma escola de “tradição” por

---

<sup>37</sup> Título do samba-enredo do carnaval de 2006, adotamos como subtítulo por acharmos expressivo para denotar a trajetória dessa escola de samba que entre conflitos e alegrias faz da arte sua principal fonte de resistência.

<sup>38</sup> Os nomes dos fundadores constam no livro Histórico e Livro Ata do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Bambas do Ritmo. Estes todos moradores do bairro, muitos deles ainda fazem parte da Agremiação.

<sup>39</sup> Seu Vavá deixou a presidência em 1984, assumindo seu Ignácio Amador, mesmo assim continuou colaborando com a Escola. Mas em 1985 seu Vavá assumiu mais uma vez a presidência das Bambas do Ritmo. INFORMAÇÃO COLHIDA NO LIVRO HISTORICO E LIVRO ATA DA ESCOLA.

ter perpetuado a prática de brincar o carnaval a partir dos desfiles de rua. A escola fará 40 anos no ano que vem (2007), para os seus colaboradores essa data é mais que um simples aniversário, para eles é a comemoração de lutas, conflitos e resistências, que marcaram a trajetória dos carnavais de rua campinense. Assim como outras escolas, a Bambas do Ritmo sofreu e ainda sofre com as dificuldades financeiras, a falta de incentivo por parte dos poderes públicos e a apatia de grande parte da população, mesmo assim a escola não deixou de realizar seus desfiles anuais por nenhum desses motivos. Para seu Jeová a Escola representa uma expressão da tradição local;

...ela é uma escola de tradição, ela vai fazer 40 anos agora em 2007 e vai ter uma faixa de 300 a 400 componentes. É uma das mais antigas que sobrevive hoje, porque naquela época tinha umas seis escolas que eram: a 15 de Novembro, a Noel Rosa, tinha outra escola ali no São José que eu não me lembro o nome, tinha O Pirata...ai só ficou Bambas do Ritmo, Unidos da Liberdade, Acadêmicos do Monte Castelo. Agora tá surgindo outra no José Pinheiro e tão querendo formar a Unidos da Liberdade novamente...<sup>40</sup>

Ao relembrar como eram os desfiles de carnavais nas primeiras décadas que a Escola Bambas do Ritmo participou, seu Jeová traça uma imagem que nos remete a um processo de mudanças que interferiram diretamente nessas formas de se brincar carnaval em Campina Grande.

Naquela época era mais animado, o povo gostava mais, participava mais. Não tinha esse negócio do povo ir para João Pessoa, para as praias...mas não tem mais condição de voltar ao que era antes não, eu penso que não, né? É muito violento, a cabeça do povo, hoje, é tudo diferente, só vai pros canto para brigarem...antigamente você brincava, chegava em casa no outro dia, era um carnaval sadio...era bom demais, agora é tudo diferente!<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Depoimento concedido à autora em 14/03/2006 pelo senhor Jeová Pedrosa.

<sup>41</sup> Ibidem.

Seu Jeová refere-se aquela época em que os desfiles eram uma das únicas opções de se brincar o carnaval na cidade. Os primeiros desfiles aconteciam na Rua Maciel Pinheiro, depois mudou-se para rua Venâncio Neiva, novamente transferiu-se para Rua Maciel Pinheiro onde permaneceu até 2001; alguns dos desfiles ocorreram também na rua João Pessoa, todas, ruas centrais de Campina Grande; hoje os desfiles acontecem na Rua Sebastião Donato. Nesse sentido, tivemos também uma mudança espacial. A Rua Sebastião Donato é uma rua mais a margem, diferentemente das outras citadas que são mais centrais<sup>42</sup>.

A Escola apresenta em sua trajetória um acúmulo de prêmios, sendo várias vezes, campeã e também conquistando prêmios pelas inovações que esta levava para a avenida como por exemplo: no carnaval de 1977<sup>43</sup> com o samba enredo “Campina tu és Bela”, de José Matias, a escola apresentou como destaque a réplica de uma Maria-fumaça, alusão a um dos símbolos do “progresso” campinense; em 1978 com o samba enredo “Maravilhas do Circo” de José Matias o destaque foi para uma perna de pau de cinco metros; 1982 com o samba enredo “Meu Brasil Brasileiro” de Rivaldo Trindade, o destaque foi para a confecção de um abacaxi gigante (carro alegórico) do qual, ao final do desfile saía uma mulher do seu interior.

---

<sup>42</sup> O carnaval de rua de Campina Grande passou alguns anos sem ser realizado, sendo revitalizado em 1999 pelo então vereador Damião Feliciano a quem deu o nome de “Carnaval dos que ficam”, que acontecia na Rua Maciel Pinheiro. Em 2002, já transferidos os desfiles para a Rua Sebastião Nonato o nome do projeto passou a ser “Carnaval de Campina Grande”.

<sup>43</sup> Provavelmente a homenagem tem se dado por ter sido o ano da comemoração dos 70 anos da chegada do trem em Campina Grande em 1907.





Foto 4 - Maria-fumaça- destaque do carnaval de 1977. Fonte (arquivo pessoal de seu Vavá).



Foto 5 - Abacaxi gigante – destaque do carnaval de 1982. Fonte (arquivo particular de se Vavá).

Os prêmios estimulavam ainda mais a integração dos participantes e o trabalho do ano inteiro acabava sendo recompensado.

A diretoria trabalha esforçadamente para arrecadar fundos com a finalidade de levar a Escola a se destacar na avenida e perpetuar a sua tradição. Segundo seu Jeová, os recursos da Prefeitura são muito pouco e a diretoria tem sempre que estar realizando bingos, sorteios para a Escola desfilarem e fazer bonito... *“a gente monta uma escola com 350, 400 pessoas na rua com R\$ 3.500,00 que ele (prefeito) dá. Muito pouco, muito pouco! Mas se a gente não fizer um bingo ou qualquer coisa pra arrumar o dinheiro..”*<sup>44</sup>

Ele deixa uma interrogação no ar que demonstra a dificuldade que é preparar um desfile carnavalesco onde não se tem investimentos por parte dos poderes públicos, seria então a garra da comunidade que faz a Escola Bambas do Ritmo mostrar o seu trabalho todos os anos. No ano de 1988 a Escola dona de muitos títulos, passou para o grupo B devido a grande

<sup>44</sup> Depoimento concedido à autora em 14/03/2006 pelo Senhor Jeová Pedrosa.

dificuldade financeira que abalou toda a organização do seu desfile, mas essa não deixou de se apresentar, mesmo que modestamente mostrando a sua garra e força de vontade como relata Graziela Emerenciano colunista social do Diário da Borborema e madrinha da Bambas do Ritmo;

A tradicional escola “Bambas do Ritmo” que detém 11 títulos de campeã e 8 de vice, ano passado por falta de meios financeiros apresentou-se modestamente e por isso, passou para o grupo B. Não desanimou e lutou com a garra de sempre, com denodo e sacrifício conseguiu se soerguer e foi classificada mais uma vez. Homenageou Jackson do Pandeiro que foi um dos colaboradores dos “Bambas” e se apresentou com postura e garbo de sempre, muito aplaudida pelo povo. Bom samba enredo, bateria e alegoria tudo bonito.<sup>45</sup>

Em 1985 a Escola, em reunião com a diretoria presidida por seu Vavá que acabava de assumir novamente o cargo, decidiu que não sairia no carnaval de 1986, pois a Escola estava com uma sede sem uma infraestrutura que lhe desse suporte para a construção dos seus carros alegóricos, logo toda a estrutura e organização da escola estava comprometida. Na mesma reunião ficaram acertadas algumas medidas para levantar recursos em prol da construção de uma nova sede como: a venda de um Jeep, patrimônio da escola; a adaptação da velha sede para uma danceteria para a realização de eventos com a finalidade de angariar fundos para a própria escola e a aquisição de novos instrumentos.

---

<sup>45</sup> D.B 20. 02. 1988 – não consegui identificar a página, pois a material está em forma de recorte no arquivo pessoal de seu Vavá.



Foto 6 - Atual sede da Escola Bambas do Ritmo localizada na Rua Campos Sales.  
(fonte: arquivo pessoal da autora)

O ano de 1986 foi, para Escola, de muito trabalho e esforço, mas encarado pela maioria da diretoria como um ano de renovação. Houve nesse período alguns conflitos internos, mas que não abalaram a participação da Escola no carnaval do ano seguinte. Tiveram uma participação restrita da maioria dos seus integrantes, bem como uma disputa de qual samba enredo abrilhantaria o desfile da Escola no carnaval do ano seguinte. Desafios e perseverança marcaram o ano de 1985 da Bambas do Ritmo;

Para esse carnaval a Escola estava com um trabalho de renovação – era como e fôssemos construir uma nova escola – pois vínhamos (...) de um ano de ausência... Apesar desse trabalho de renovação, repito, através da força de vontade de um pequeno número de diretores, pois maior parte se ausentou nesse ano... a Escola de Samba participou do referido carnaval com um samba enredo homenageando um dos seus componentes de destaque, responsável por muitas de suas conquistas, o Sr Antônio José (Toinho figurinista) cujo o título foi "Sim nós Temos Toinho" de autoria do Sr. Rivaldo Trindade. Vale destacar que houve uma

concorrência entre dois sambas enredo: o do Sr. José Matias e o do Rivaldo, prevalecendo, o do último.<sup>46</sup>

Quais os temas que a comunidade, através da Escola Bambas do Ritmo, levou para a avenida ao longo desses anos? Quais os critérios de escolha? Começaremos pelo segundo aspecto. Geralmente os sambas enredo são escolhidos em reunião com toda a diretoria da escola, a escolha é feita a partir de um consenso; escolhido o tema cabe agora ao compositor elaborar a letra. A maioria das composições foi feita por pessoas da própria comunidade, ligadas diretamente à Escola, pessoas que faziam parte da diretoria e muitas vezes os próprios fundadores da agremiação como: Arlindo Nóbrega, José Matias, Antônio Tomaz, Aécio, só para citar alguns. Nos últimos anos as composições passaram a ser elaboradas por nomes conhecidos do meio artístico campinense como Henrique do Vale e Biliu de Campina que atuam não só como compositores, mas também como puxadores.

Desde o início da sua trajetória a Escola levou para avenida vários temas que fizeram referência à cultura e a história da cidade. Destacamos aqui alguns desses sambas enredo como exemplos: “Campina, Tu és Bela” de 1977; “Carnavais dos Anos 30” de 1983; “Um Artista que se Foi – Homenagem a Jackson do Pandeiro” de 1990; “Campina Grande Rainha da Borborema” de 1989; “Ontem, Hoje, Sempre Zepa” de 2004. Cada letra procurou dar destaque para alguns aspectos da história da cidade, bem como

---

<sup>46</sup> Livro Histórico e de Ata da Escola de Samba Bambas do Ritmo. p. 11 a 12.

homenagear nomes que tiveram uma grande representatividade para a cultura local<sup>47</sup>.

A história do bairro ganhou destaque exclusivo no samba enredo “Ontem, Hoje, Sempre Zepa”;

*Ontem, Hoje, Sempre Zepa*

*Sempre foi o palco da alegria  
De encontros e felicidades  
De muito talento e euforia  
A cidade dentro da cidade*

*Com carinho chamado de Zepa  
De Zé Pinheiro e velhos carnavais  
Do Pastoril e do palhaço Parafuso  
E dos movimentos culturais*

*Desde a difusora de Gaúcho  
Marchinhas e quadrilhas de São João  
Do Flamengo e do Campinense  
Cleber eternamente campeão*

*Os bailes, forrós e gafieiras.  
As lembranças de tempos atrás  
Zé Pinheiro sempre pioneiro  
Esquecer jamais*

*Com Bambas do Ritmo, eu vou  
Ontem, Hoje, sempre Zepa, eu sou.*

---

<sup>47</sup> Ver letras dos sambas enredo em anexo.

A letra do samba faz referências não só ao bairro no seu espaço físico, destacando aqui características que o faz um local diferenciado dos outros bairros; como também ao homem José Pinheiro, que para os moradores foi o precursor e idealizador de algumas festividades de grande representatividade local, como os pastoris e forrós; outros personagens também são lembrados, por serem reconhecidos como parte integrante da história local; mesmo que ainda anônimos para muitas pessoas, foram eles fabricantes de sonhos e alegrias para muitos daqueles populares, nós referimos aqui ao Palhaço Parafuso e do Jogador Cleber.

Com todas as dificuldades a Escola, através do esforço da diretoria e dos poucos colaboradores, conseguiu, todos anos<sup>48</sup>, desfilar representando o bairro na avenida. Mesmo que a participação da comunidade, como um todo, fosse bastante restrita, principalmente na colaboração financeira, como chama atenção seu Jeová: *“Essa comunidade daqui vai olhar quando ela sai...as vezes sai fica de fora, mas não participa mesmo não”!*<sup>49</sup> Mas quando está tudo pronto à comunidade fica numa expectativa só, para vê o resultado de um trabalho desenvolvido durante o ano todo. A torcida da comunidade já é por si só uma grande satisfação; segundo seu Jeová, a aprovação da comunidade é um bom indicativo para a competição, nesse sentido, todo ano acontece uma espécie de ritual, em que a Escola antes do desfile oficial, faz uma apresentação na Rua Campos Sales, a principal do bairro. Ao referir-se à comunidade seu Jeová enfatiza:

Ela é torcedora! Bambas do Ritmo quando sai dá mais gente no bairro aqui em Zé Pinheiro do que na hora do desfile lá (Sebastião Donato). O povo todo corre...fica três, oito horas esperando os

---

<sup>48</sup> A Escola só não participou do carnaval de 1986 por que a sua sede não se encontrava em condições de abrigar a estrutura da Escola.

<sup>49</sup> Depoimento concedido à autora em 14/03/2006 pelo Senhor Jeová Pedrosa.

Bambas passar pra poderem ir pra casa. E um carnavaí ai na Campos Sales!<sup>50</sup>

Nessa fala de seu Vavá percebemos uma outra apropriação do carnaval para aquela comunidade diferente daquela instituída oficialmente. A comunidade do bairro do José Pinheiro vivencia essa prática de uma outra maneira, visto que, o que os chama atenção é o reconhecimento dos moradores com relação aos participantes. É o pessoal da bateria que é irmão, colega, amigo, namorado ou amigo de alguém. É a passista, que em seus molejos e remelexos vai ser vista pelas amigas e pelas as rivais e são tantas outras que por serem do bairro, recebem um reconhecimento especial.

A Escola já sai desfilando desde o bairro, aquele espaço transforma-se numa espécie de apoteose, onde os moradores têm a oportunidade de ver com exclusividade a escola que irá representar o seu bairro. Apesar de muitas vezes a própria diretoria sentir a ausência da comunidade, no que diz respeito a uma participação mais efetiva chegando até a apelar para a população local essa participação, como percebemos na fala de seu Vavá em entrevista ao repórter Celso Pereira<sup>51</sup>,

Aproveitamos a oportunidade para solicitar a colaboração de todos da comunidade de José Pinheiro no sentido de que nos ajudem para que nossa escola continue a abafar sempre. Ela é quem faz a alegria do Carnaval Campinense, é a hora de que estejam todos presentes, não apenas para o aplauso e o entusiasmo, como também colaborando com o que for necessário. Não devemos esperar apenas pelo poder público, a comunidade deve ajudar também.

---

<sup>50</sup> Ibidem.

<sup>51</sup> Não consegui identificar o jornal, a data e a página, pois a matéria está em forma de recorte no arquivo pessoal do nosso colaborador.

O afeto e os aplausos da comunidade acabam dando uma dose de entusiasmo e satisfação ao trabalho dedicado o ano todo a uma causa que, mesmo com tanto empenho e dificuldades por parte de um número pequeno de participantes, no final o resultado é quase sempre o mais desejado, a vitória.

### **3.2 A DIFUSORA DE “SEU” GAÚCHO: UM COMUNICADOR POPULAR.**

Em meados dos anos de 1950/1951<sup>52</sup>, nasceu no bairro do José Pinheiro um serviço de som, seu idealizador chama-se Jovelino Farias, popularmente conhecido como seu Gaúcho. A partir desse serviço o bairro passou a ter um espaço de maior interação entre os seus moradores, bem como de diversão e entretenimento. O bairro José Pinheiro não seria mais o mesmo, sua dinâmica social e cultural foi alterada e os seus códigos de sociabilidade redefinidos.

Quem nos auxiliou nessa investida foi seu Pedro, filho do nosso personagem principal. Pedro Farias, mais conhecido como Pepeu, tem 65 anos, ainda hoje é morador do seu bairro de origem, o José Pinheiro. Foi através da sua memória que tivemos acesso à trajetória daquele serviço de som idealizado por “seu” Jovelino, vulgo Gaúcho. Mas, quem foi esse homem que ousou inovar e por em prática uma idéia bastante original para época na cidade de Campina Grande?

---

<sup>52</sup> Seu Pedro não soube informar o ano exato da instalação da difusora do seu pai no bairro José Pinheiro.



Segundo seu Pedro, seu pai chegou à campina Grande por volta do ano de 1935; ele veio a chamado de umas pessoas que estavam abrindo uma casa de jogos na cidade. Na época seu Gaúcho era embarcador e prestava serviço a uma empresa de navios costeiros. Dono de uma voz grave acabou atraindo a atenção dessas pessoas que o viram numa apresentação num desses navios costeiros que estava atracado no Recife, o acharam perfeito para inaugurar a tal casa de jogos, na época chamada de “Rambol” (sic). Em Campina Grande conheceu aquela que seria a sua esposa, e em menos de um ano já estava casado e morando definitivamente na cidade. Residente em Campina Grande, seu Gaúcho que nasceu na cidade de Pelotas no estado do Rio grande do Sul, escolheu sua nova cidade para montar o que seria a primeira difusora de Campina Grande;

...em 1938 ele botou a primeira difusora aqui em Campina Grande, ali mais ou menos nas proximidades do antigo edifício Esial que hoje é a Casa do Colegial. Agora houve uma época que ele se desligou desse serviço de som porque ele ajudou uma pessoa que chegou aqui, ai, quando foi com um tempo essa pessoa colocou um serviço de som aqui também, ele não gostou! Por conta disso ele tirou o serviço de som e partiu para outra atividade, montou uma casa de dança, ali na Cardoso Vieira.<sup>53</sup>

Seu Pedro não recorda o nome da escola, mas segundo ele, a casa contava com uma orquestra que tocava para as pessoas dançarem; as que não sabiam tinham o auxílio dos mais experientes, inclusive do próprio Gaúcho. Seu Pedro relata com orgulho, que o seu pai um homem viajado, foi o precursor do tango e do bolero na cidade e devido a essa desenvoltura para tais danças muita gente o tivera como professor. Mas a casa de dança não teria longevidade, esta passou a ser alvo de perseguição devido ao apelo dos discursos da moral e dos bons costumes da época;

---

<sup>53</sup> Depoimento concedido à autora em 16/01/2006 pelo senhor Pedro Farias.

*“acharam que era como se fosse uma espécie de cabaré, e como era no centro da cidade inclusive até o padre da época...eu sei que ele falou muito sobre isso, ai papai teve que acabar com essa escola de dança”.*<sup>54</sup>

Com o fechamento da escola de dança, seu Gaúcho passou a trabalhar como anunciante de porta de loja. Nas lojas Paulistas e nas Pernambucanas foi aonde seu Gaúcho prestou os seus serviços de locução. Homem desenvolvido seu Jovelino “Gaúcho” Farias chegou a desenvolver várias funções na cidade de Campina Grande, seu porte físico e sua voz grave, bem como sua criatividade o tornaram uma espécie de “show-man” ou ainda para usar um termo mais contemporâneo, um artista multimídia, como relata Antonio Clarindo ao se referir as funções exercidas por seu Gaúcho “além de locutor foi ‘chamador das pedras de loto’, cabaretier, cantor, baterista e dançarino de tango” (SOUZA, 2002: 292)<sup>55</sup>

### 3.2.1 “A VOZ DO BAIRRO JOSÉ PINHEIRO”

Nesse período passou a residir no José Pinheiro, antes morava num bairro vizinho, o Santo Antônio, mais precisamente na Rua Vigário Virgínio. No bairro José Pinheiro, seu Gaúcho colocou em prática novamente a sua idéia do serviço de som, agora no seu “território”, seu bairro, seu lugar de vivência. O serviço de som instalado naquele bairro tinha como intuito prestar serviço à comunidade local. No início da década de 1950 seu Gaúcho colocou

---

<sup>54</sup> Depoimento concedido à autora em 16/01/2006 pelo senhor Pedro Farias.

<sup>55</sup> SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. In. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos**. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965). 2002. 292f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Federal de Pernambuco.

um projetor de som na rua principal do bairro, a Campos Sales, nascendo assim “A Voz do Bairro José Pinheiro”, mudando não só a maneira de se “consumir” o bairro, por ser a difusora local um novo “produto”, como também a maneira, como também as relações sociais que passaram a ter um outro espaço de experiências.

Segundo seu Pedro, o serviço de som de seu pai tornou-se uma espécie de marco para aquele bairro, pois este passou a ser um dos únicos detentores de um dos símbolos do “progresso”. “A Voz do Bairro José Pinheiro” inaugurou uma nova referência para o local e possibilitou a transformação da paisagem ao redor das instalações do novo empreendimento, como nos relata seu Pedro;

...o serviço de som de papai era bem no centro de José Pinheiro, não tinha aquele abrigo e tinha por aqui muitos currais de gado então, as casas eram muito pequenas como aquelas casas de pau-a-pique. Daí quando ele inaugurou esse serviço de som aqui foi modificando-se porque o bairro foi crescendo, evoluindo e ai tornou-se um bairro bem melhor pra época, tornou-se bem melhor por conta disso.<sup>56</sup>

O serviço de som de seu Gaúcho ganhou a aceitação da comunidade local e passou a ser referência na cidade. No bairro o serviço ganhou destaque e era bem vindo de todos os grupos sociais. Além da sua originalidade para a época, este serviço também tinha um caráter popular e democrático<sup>57</sup>. Todos tinham acesso às programações que em sua grande parte era de entretenimento, para a maioria da população única forma de divertimento. Existiam na época os cinemas, mas estes eram espaços mais restritos por serem pagos acabavam excluindo alguns grupos sociais, a

---

<sup>56</sup> Depoimento concedido à autora em 16/01/2006 pelo senhor Pedro Farias.

<sup>57</sup> Este podia ser ouvido por todos, sem que as pessoas precisassem adquirir nenhum tipo de aparelho, já que havia alto-falantes nos quatro cantos do bairro.

exemplo desses espaços tínhamos os cines: Capitólio, Babilônia, São José e Avenida e no próprio bairro existia um cinema chamado cine Lamar<sup>58</sup>. A esse serviço de som cabia a função exclusiva do divertimento, principalmente das classes menos favorecidas.

A difusora de seu Gaúcho desenvolvia serviços de utilidade pública como: anúncios de perda de animais, de documentos, crianças. Mas o que dava maior visibilidade “A Voz do Bairro José Pinheiro” eram os programas de calouros e as festas de rua promovidas por seu Gaúcho. A difusora possuía uma espécie de estúdio<sup>59</sup> e auditório, e contava com seus próprios músicos, todos moradores do bairro a exemplo de Jair Seixas que tocava o piano, Sevi, o violão e Sambinha, o cavaquinho. Os programas de calouros contavam com o patrocínio de algumas casas comerciais como: o café Aurora, São Braz, Lojas Paulistas, Pernambucanas, Armazém Ouro Branco. As pessoas se divertiam com esses programas que muitas vezes eram promovidos ao ar livre adquirindo o aspecto de espetáculo e chamando a atenção mais ainda das pessoas que se aglomeravam nas imediações da difusora para assistirem não só os concorrentes do concurso musical, mas também os shows de cantores conhecidos que já faziam sucesso na época, muitos ainda, no início da carreira artística. Nomes como Genival Lacerda, Nelson Gonçalves, Luiz Gonzaga, chegaram a participar daqueles programas quando patrocinados pelas casas comerciais. Para seu Pedro essa era a única diversão dos populares na época, já que ainda não havia rádio em Campina Grande.

---

<sup>58</sup> Sobre isso ver Lazer Permitted, Prazeres Proibidos. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965) do Professor Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

<sup>59</sup> O serviço de som de seu Gaúcho depois de ter sido montado em vários lugares (centro da cidade, próximo ao abrigo já no José Pinheiro) se fixou na sua própria casa na Rua José Adelino de Melo, n 33, na lateral da Igreja de São José. O estúdio e toda a estrutura da difusora ficavam no andar de cima da sua residência, onde funcionou até 1985.

Eram constantes as festas de rua promovidas pelo serviço de som de seu Gaúcho, atraíam muita gente, inclusive pessoas de outros bairros, independente de sexo, idade, classe social todos participavam e se divertiam. Segundo “seu” Pedro, mesmo os que tinham um padrão de vida melhor não deixavam de prestigiar tais festas. As chamadas “retretas”, nome dado àquelas festas ao ar livre em que moças e rapazes aproveitavam os momentos de descontração para “flertar”, eram embalados pelo serviço de som de “seu” Gaúcho, era constante sair, desses passeios, namoros e até casamentos, movidos por esse entusiasmo. Vários rapazes saíam dos seus bairros de origem para freqüentar o José Pinheiro. Nomes, hoje conhecidos dos campinenses, participaram dessas festas, como Enivaldo Ribeiro, Nilton Rique, Everaldo Agra, Naldo Dantas, entre outros, estes, segundo seu Pedro, vinham para as festas, atraídos pelos possíveis “flertes” *“...as moças do José Pinheiro eram moças muito bonitas e eles vinham para namorar, aquilo ali já era uma maneira, um atrativo a mais para as pessoas freqüentarem o bairro”*.<sup>60</sup>

Nas festas e passeios da época era comum o oferecimento de músicas, os chamados “postais sonoros”, uma forma de conquista bastante utilizada pelas moças e rapazes que freqüentavam aqueles espaços. Algumas vezes, os postais sonoros transformavam-se numa forma de vingança e acabavam provocando situações hilariantes para as pessoas presentes, como lembra seu Pedro;

---

<sup>60</sup> Depoimento concedido à autora em 16/01/2006 pelo senhor Pedro Farias.

As vezes um casal brigava e tinha uma música que se chamava Égua Branca ai então eles passavam, o rapaz passava pra moça e a moça passava para o rapaz uma música chamada Sapó Cururu e a gente achava aquilo ali engraçado...<sup>61</sup>

A família de seu Gaúcho também colaborava para o funcionamento da difusora. “Seu” Pedro e sua irmã estavam sempre ajudando o pai, fosse, na seleção das músicas ou até mesmo na locução. A dinâmica do serviço exigia a colaboração de um grupo, sendo assim a participação da família foi fundamental, “seu” Pedro lembra a dificuldade que era administrar a parafernália para a difusora funcionar;

... nós tínhamos uma discoteca com mais de três mil discos e era em cera naquela época, então tinha que procurar aquelas músicas quando as pessoas pediam... ai eu sei que a gente tinha que procurar aquilo. A minha irmã também ficava ali, ela não falava, mas quando eu tava na locução ela procurava as músicas, os discos.<sup>62</sup>

O serviço estava sempre em funcionamento e tinha uma escala de horários que se seguiu sem alteração durante anos. Todos os dias a programação estava no ar nos seus respectivos horários. Seu Pedro não se recorda de nenhum dia em que a difusora não foi ao ar. Lembra ele que, nos casos de falecimento de um dos moradores, apenas o “projeto”(sic) que se encontrava perto do local do óbito era desligado, os outros continuavam funcionando normalmente. Na época do golpe militar o serviço de som continuou com suas atividades, mesmo que fossem exigidas as informações das músicas que viriam a ser executadas. O ritmo das programações só foi quebrado e sofreu sua primeira alteração com o aparecimento de um outro

---

<sup>61</sup> Ibidem.

<sup>62</sup> Idem. Ibidem.

meio de entretenimento, a televisão. Com o surgimento dos primeiros aparelhos de televisão no bairro, houve uma redefinição dos códigos de sociabilidade dos seus moradores o que influenciou diretamente nas atividades exercidas há muito tempo por seu Gaúcho. Este precisou fazer algumas adaptações na questão dos horários. Antes a programação era colocada no ar nos seguintes horários: manhã das 10:00 hs às 11:00 hs; à noite a programação tinha início a partir das 19:00 hs e ficava funcionando até as 21:00 hs. Com o novo atrativo – a televisão – o horário da noite foi deslocado para a tarde com início às 16:00 horas e término às 18:00 hs; “ *nós mudamos o horário da noite para a tarde porque tinha muita gente que já possuía televisão, queria ver novela, ai então esse tipo de atrativo foi tornando-se obsoleto...*”<sup>63</sup>. O entretenimento das pessoas que antes era num espaço público foi aos poucos sendo transferido para o privado, mesmo que o espaço das casas passasse a ser também dividido com colegas, vizinhos que ainda não possuíam televisão e se sentiam “enfeitiçados” pelo mundo mágico da imagem.

Segundo seu Pedro o seu pai foi perdendo espaço porque o mesmo não quis se “modernizar”, o equipamento utilizado por ele já estava ultrapassado. O projetor de som usado até então, captava outros ruídos que acabavam sendo projetados para vários lugares do bairro; a exemplo de um toque de telefone, isso começou a incomodar alguns populares locais. Trocar os equipamentos foi a sugestão dada por seu Pedro ao seu pai, mas ele não colocou em prática até mesmo por causa de falta de recursos;

---

<sup>63</sup> Idem. Ibidem.

... papai não procurou se modernizar porque na época ele usava projetor de som, então as pessoas às vezes, recebiam um telefonema e aquilo fazia um barulho terrível...se ele pudesse e tivesse feito com eu sugeri...eu vi lá em Duque de Caxias, uma cidade do interior do Rio de Janeiro, esse serviço de som, mas com alto-falante pequeno de marquise...<sup>64</sup>

Montar uma difusora numa cidade do interior em plena década de 30 do século passado era uma tarefa um pouco difícil devido a dificuldade de conseguir a aparelhagem necessária. Para seu Gaúcho colocar em prática a sua idéia, ele precisou adquirir os equipamentos, não muito fáceis na época. O primeiro equipamento que ele utilizou no serviço montado na Marquês do Herval, no centro da cidade, foi conseguido no Recife. Depois do seu afastamento dessa atividade, ele se desfez do equipamento e para retornar a essa atividade, seu Gaúcho teve que lançar mão da sua astúcia e criatividade. Sem condição financeira para adquirir uma nova aparelhagem, ele pegava emprestado o amplificador das Lojas Paulistas, onde trabalhava, e fazia sua programação lá no bairro, no outro dia levava de volta o amplificador para a loja. Esse percurso durou algum tempo, até que a situação financeira de seu Gaúcho melhorou e ele adquiriu o amplificador que pertenceu a Igreja Matriz de Campina Grande. Segundo José Alves pesquisador da vida de seu Gaúcho, em matéria cedida para o Jornal da Paraíba informa que o mesmo,

...inicialmente, fez parceria com o gerente do estabelecimento comercial, onde trabalhava, para fazer gratuitamente a propaganda dos produtos em troca de um empréstimo destinado a aquisição do amplificador, discos e outros equipamentos necessários à montagem do estúdio...<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> Idem. Ibidem.

<sup>65</sup> Jornal da Paraíba – 21.05.2006; p.3.



O empenho de seu Gaúcho e a sua dedicação ao seu serviço de som o fez o precursor das primeiras experiências de radiodifusão na cidade e mais que isso, o tornou um homem bastante popular no seu bairro pelos serviços prestados àquela comunidade, principalmente pela diversão que os alto-falantes do serviço de som proporcionavam aos moradores locais.



Foto 7 - Antiga casa de Seu "Gaúcho" na parte superior funcionava a sua difusora. Hoje é a residência de Seu Pedro, filho de "Gaúcho". Fonte (arquivo pessoal da autora).

### **3.3 ENTRE O "VELHO" E O "NOVO": A RESIGNIFICAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA ESPORTIVA.**

O bairro José Pinheiro também foi cenário, durante muito tempo, de um outro espaço de diversão e entretenimento, foi lá que teve origem um dos clubes de futebol, o Campinense Futebol Clube e a construção do Campo Municipal Plínio Lemos, duas experiências de grande importância, não só para o bairro, como também pra a cidade.

O futebol tornou-se para aquela comunidade, mais que uma paixão, tornou-se também uma marca intrincada na vida de muitos grupos que vivenciaram muitas das primeiras experiências desse time que possuía suas raízes naquele bairro, e não só, a intimidade que o José Pinheiro têm com tal arte, fez com que o futebol criasse mecanismos de atração para os meninos de famílias pobres que através das várias escolinhas existentes no bairro esses meninos têm grande parte do seu tempo ocupado, do mesmo modo que têm acesso à disciplina e criam também uma perspectiva de melhor condição social.

Muitos populares tiveram suas vidas modificadas a partir do Campinense Futebol Clube, como foi o caso de Nilton Menezes Braga, 71 anos, morador do bairro e ex-jogador do Campinense. Através de seu Nilton conhecemos um pouco das relações estabelecidas pelos moradores locais com o esporte e com o Estádio Municipal, palco de muitas emoções vivenciadas por eles.

Nilton Menezes Braga, mais conhecido como seu Braga, nasceu no dia 28 de abril de 1935 na cidade de Salvador, Bahia; descoberto como jogador de futebol pelo empresário campinense Ailton Sabino na década de 1960, seu Braga, que na época estava com 26 anos de idade, convencido pelo empresário arrumou sua bagagem e veio para Campina Grande jogar no Campinense Futebol Clube e acabou se fixando definitivamente na cidade,

...eu vim para aqui por que eu encontrei em São Paulo com o empresário Ailton Sabino, ele tinha uma empresa de ônibus aqui, ai ele conversou e me convenceu de vir para cá, eu terminei ficando até hoje (risos) e daqui só saio quando for pra morrer.<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> Depoimento concedido à autora em 27/03/2006 pelo senhor Nilton Menezes.

Seu Braga chegou em Campina Grande solteiro e foi acolhido pelo Clube que por sua vez deu a ele toda assistência necessária. Sua moradia aqui na cidade era no Estádio de Futebol Plínio Lemos um dos primeiros construídos em Campina Grande, localizado no bairro José Pinheiro; este oferecia uma estrutura para abrigar os jogadores que vinham de fora, como nos relata seu Braga,

... eu cheguei aqui solteiro, não precisava ir pra hotel, residia no Campo! Tinha quarto, tinha...era organizadinho. Então eu passei muito tempo aí, o tempo que eu joguei no Campinense eu passei morando no Plínio Lemos.<sup>67</sup>

Mesmo depois de deixar o futebol, seu Braga continuou em Campina Grande, mas especificamente no bairro José Pinheiro o bairro que lhe acolheu, e neste ele constituiu família e criou todos os seus filhos como relata: *"vim de Salvador pra cá, comecei morando no José Pinheiro em 61, daqui eu continuei, me casei, constitui família e moro aqui até hoje".*<sup>68</sup>

No bairro seu Braga fez várias amizades e ainda conserva aquelas que também dividiram com ele experiências no futebol, "Zezim" Ibiapino, Deca entre outros que ele não recordou o nome no momento, mas que fazem parte da sua memória, por terem estes divididos com ele as alegrias e tristezas dos jogos os quais participaram juntos, ora como aliados, ora como rivais. Muitos desses jogos relembra seu Braga foram grandes Clássicos que marcaram a sua trajetória como jogador e estabeleceram o respeito e a admiração por parte da comunidade com relação a ele; Clássicos esses em que se degladiaram no Municipal times renomados do próprio Estado da Paraíba

---

<sup>67</sup> Ibidem.

<sup>68</sup> Idem. Ibidem.

como também nomes famosos nacionalmente reconhecidos como: o Treze, o Bahia, o Batafogo e o Fluminense do Rio de Janeiro.

Segundo seu Braga, além do Estádio Municipal o Campinense Clube se servia de uma sede social localizada no Praça Coronel Antônio Pessoal no centro da cidade e de uma Boate localizada no bairro da Bela Vista. Lembra ele que estes dois espaços eram freqüentados, principalmente pela elite de Campina Grande. Esses espaços, diz ele, eram destinados a eventos festivos como *“bailes familiares no final de semana, festas, eventos sociais...”* e completa *“pouco eu participava, que a gente que jogava futebol era completamente diferente da parte social”*<sup>69</sup>.

O Estádio Municipal Plínio Lemos, cenário futebolístico que marcou a história do esporte na cidade e que para muitos do José Pinheiro é um símbolo de representatividade para a cultura local, se encontrava até o ano passado (2005) em ruínas, completamente abandonado pelos poder público. O que restava do Estádio era apenas a fachada onde ainda podíamos vê a data da sua inauguração e as cores do time, vermelha e preta que estampada nas paredes já desbotadas pelo tempo, mas que ainda podiam testemunhar um pouco da sua grandiosidade diante do descaso e do desprezo. Esteve ele em outras épocas pronto para sediar grande jogos e propiciar um pouco de diversão para aquela comunidade que a ela vinha se juntar nos dias de jogos, uma grande quantidades de pessoas de várias localidades da cidade, e, às vezes, do Estado quando se tratava de um clássico disputado por times nacionalmente conhecidos.

---

<sup>69</sup> Idem. Ibidem.

No começo desse ano (2006) aquele mesmo espaço que outrora era voltado ao lazer, passou a ser reformado para atender o mesmo propósito mesmo que não mais como um campo de futebol e sim como uma praça de esportes com estrutura para várias modalidades esportivas, entre elas o futebol. A fachada única parte do Estádio ainda de pé, está sendo restaurada, esta talvez resguarde parte da história do futebol do Campinense que começou a traçar sua trajetória justamente ali, bem como mantenha viva os resquícios das experiências vividas por muitos dos populares que residem no bairro e contribuíram de alguma forma para os eventos futebolísticos locais, torna-se um lugar de diversão e espetáculo, fosse jogando, ou freqüentando o Estádio nos dias de jogos.

Com a resignificação daquele espaço começam outras histórias que terão como enredo as múltiplas experiências mediadas pelo lazer esportivo e como cenário o bairro José Pinheiro, mais especificamente o antigo ou eterno Estádio Plínio Lemos. Para seu Braga essa nova investida *“vai ser muito benéfica para o bairro José Pinheiro”*.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> Idem. Ibidem.

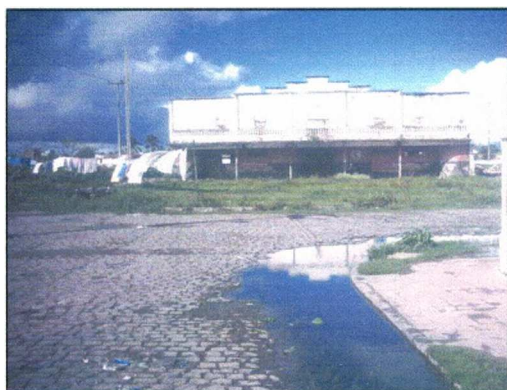


Foto 8 - Antigo Estádio de Futebol Plínio Lemos em 2005.(Fonte: arquivo pessoal da autora)



Foto 9 - antigo estádio em reforma, será um pólo de recreativo para a prática de vários esportes. A fachada foi mantida e restaurada – 2006.(Fonte: arquivo particular da

### 3.4 SERVIÇOS COMUNITÁRIOS: OUTROS ESPAÇOS DE RELAÇÕES DE “CONVIVÊNCIA”

Neste subtítulo nos direcionaremos a dois espaços de ações comunitárias por entender que esses dois espaços foram e continuam sendo lugares de articulação política voltadas para a integração e a assistência à comunidade e por entendermos também, que estes se constituem como lugares de representação para alguns grupos locais. Um desses espaços é a Associação dos Amigos do Bairro (SAB), criada no José Pinheiro em 1963 e que continua atuando no local.

Assim como em outros bairros da cidade, a SAB do José Pinheiro se apresenta como um espaço de reivindicações populares em que seus

representantes atuam em nome da comunidade junto ao poder público municipal com o intuito de trazer melhorias para aquela população. O outro espaço é o Círculo Operário, que não exerce mais sua função no bairro, mas que teve uma grande importância para uma parcela daquela comunidade, principalmente para os trabalhadores nas décadas de 50 e 60, pois foi principalmente, para esse grupo que o Círculo Operário prestou os seus serviços.

É através dos relatos de memória de seu Agripino Batista e dona Maria da Paz que reelaboramos um parte da história da SAB e do Círculo Operário respectivamente. Seu Agripino participa da Associação desde a sua fundação e é o seu atual presidente. Dona Maria da Paz desde menina participava do Círculo Operário, primeiro como colaboradora voluntária, dando aula de reforço na escola circulista, depois como secretária contratada. São esses dois personagens que deram corpo as próximas linhas.

### **3.4.1 A SAB DO JOSÉ PINHEIRO**

A Associação dos Amigos do Bairro do José Pinheiro foi criada em 1963 e sua sede foi construída no ano de 1967 que hoje, é o Centro Social Urbano da SAB do José Pinheiro, localizada no Praça Joana D'arc de Arruda.

Segundo seu Agripino Batista de Oliveira, 75 anos, morador do bairro desde 1957 e atual presidente da SAB, quem idealizou a Associação dos Amigos do Bairro em Campina Grande foi a Irmã Ângela Pereira, do São Vicente de Paula e surgiu com a finalidade de servir de espaço de atuação para as alunas do recém criado curso de Serviço Social. Nessas Associações,

as moças que cursavam tal faculdade podiam estagiar atuando junto à comunidade. Para além desse propósito as SABs também exerceriam a função de tentar integrar a população para reivindicações, bem como fazer valer os seus direitos como lembra seu Agripino;

Quando foi fundada começou a defender o direito do povo; procurando manter o contato com o povo mais humilde, mais pobre pra os instruir e fazendo com que esse povo fosse tendo os seus direitos reservados. Nós fazíamos greves de ônibus, de pão...<sup>71</sup>

Seu Agripino faz parte dessa Associação desde que ela foi fundada e faz questão de nos relatar sua dedicação a tal instituição;

Eu participo da associação desde que ela foi fundada, apenas como contribuinte da sociedade...com a continuação nós fomos trabalhando e eu passei a ser sócio da SAB direto mesmo em 1968 e 1970 eu fui eleito presidente e já fui presidente com esse mandato agora 24 vezes.<sup>72</sup>

A atuação política de seu Agripino o fez um homem bastante conhecido no bairro e acabou criando para ele uma certa “obrigação”de cordialidade, como ele mesmo relata;

...eu sou bem quisto em José Pinheiro! Vamos dizer o seguinte a onde tiver 10 pessoas se três falam de mal sete falam de bem da minha pessoa, então eu me envaideço de tá em José Pinheiro, gosto de José Pinheiro, quero bem e todo mundo me conhece, eu fico satisfeito quando eu saio nas ruas e vêm os meninos: seu Agripino, Seu Agripino...Todo mundo me conhece! Às vezes quando eu passo, “seu Agripino como é que vai”? Eu sou feliz em José Pinheiro, me sinto bem!...<sup>73</sup>

A relação de pertencimento de seu Agripino como o bairro está relacionado, principalmente pelo menos foi o que nos deixou claro na sua fala,

---

<sup>71</sup> Depoimento concedido à autora em 11/01/2006 pelo senhor Agripino Batista.

<sup>72</sup> Ibidem.

<sup>73</sup> Idem. Ibidem.



com as suas atividades políticas que lhe deram um reconhecimento e uma maior visibilidade perante a comunidade do bairro. Ele por sua vez, conseguiu desenvolver códigos de convivência que o faz se harmonizar com os múltiplos grupos sociais daquele bairro. Em outras falas de “seu” Agripino, utilizadas ao longo desse trabalho, sentimos a sua astúcia com relação a algumas atitudes minuciosas impostas a ele como um personagem político, como por exemplo, a mudança do nome da Rua Campos Sales. Referimo-nos aqui algumas medidas que o senhor Agripino, no exercício de suas funções teve que tomar, como a já citada por nós neste trabalho.<sup>74</sup>

### **3.5 O CÍRCULO OPERÁRIO**

Dono Maria da Paz tem 65 anos e hoje é aposentada. A mais ou menos 60 anos mora no bairro José Pinheiro. Perdeu o seu pai logo cedo e a partir daí a vida passou a ser dificultada, pois sua mãe ficou com toda a responsabilidade da família. Dona Maria da Paz estudou no São Vicente de Paula devido o compromisso que sua mãe tinha com a Igreja de São José, compromisso esse adotado também por Dona Maria da Paz que passou a vivenciar muitas das experiências promovidas pela Paróquia do bairro, dentre essas, a do Círculo Operário.

O Círculo Operário foi construído no bairro José Pinheiro por iniciativa da Paróquia São José, também localizada no bairro. O terreno foi adquirido com recursos dos circulistas que levantaram fundos e compraram o terreno a seu Pedro Agra, a escritura pertenceria a Catedral Nossa Senhora da

---

<sup>74</sup> Ver nota da página ...

Conceição, onde já existia um grupo de circulistas, a União dos Moços Católicos, que tinha a intenção de construir um prédio que pudesse dar mais assistência à comunidade. José Pinheiro foi o bairro escolhido. Além do auxílio da Igreja, as subvenções foram de fundamental importância para a construção do prédio onde funcionaria o Círculo Operário. Este prédio passou a ser a casa mater desse movimento em Campina Grande; em João Pessoa funcionava a Federação, assim como em Recife e Natal. O Círculo Operário é um dos movimentos mundiais que exerceu – no caso de Campina Grande – e ainda exerce função social e religiosa em várias cidades dos estados brasileiros, e algumas cidades da Paraíba ainda contem com o apoio dessa instituição. Como relata Dona Maria da Paz “...é um movimento nascido na Bélgica que eles se entrelaçavam, intercalam-se para uma finalidade que era o bem estar do trabalhador, tanto na parte financeira, social e na parte religiosa; quer dizer isso aí tinha o social e o religioso”.<sup>75</sup>

Criado no final na década de 40 no bairro, o Círculo Operário foi pensado, segundo Dona Maria da Paz, para desenvolver funções de caráter social e religioso<sup>76</sup> direcionados, principalmente às classes trabalhadoras, como lembra ela, “era do trabalhador para o trabalhador”<sup>77</sup>. O Círculo Operário no José Pinheiro desenvolvia políticas assistenciais para as famílias de baixa renda auxiliando estas em enterros, remédios, feiras com recursos dos próprios circulistas. Este era administrado por uma diretoria que trabalhava voluntariamente na intenção de ajudar a comunidade. Os próprios

---

<sup>75</sup> Depoimento concedido à autora em 27/03/2006 pela Senhora Maria da Paz Rodrigues.

<sup>76</sup> Apesar de enfatizar o caráter social e religioso dos Círculos Operários, estes também apresentavam uma função política bastante significativa no que diz respeito à doutrinação dos trabalhadores como forma de afastá-los dos ideais comunistas que se alastravam no Brasil no período do Estado Novo.

<sup>77</sup> Ibidem.

circulistas promoviam eventos para a integração e maiores esclarecimentos da política dessa instituição entre os seus participantes e a comunidade local “...Fazíamos caminhadas, jornadas circulistas, passeios, além da formação dentro da estrutura circulista, todo mês a gente tinha uma assembléia, o pessoal ia e gostava...”<sup>78</sup>ressalva Dona Maria da Paz.

Além da ajuda assistencialista mais imediata, alguns circulistas resolveram por em prática uma outra idéia. A criação de uma escola para assistir às crianças de famílias de baixa renda. Em 1952 foi fundada a primeira escola do Círculo dirigida por Maria Rodrigues (Isaurinha). O ensino era direcionado ao “filho do trabalhador, geralmente aparecia um ou outro que podia pagar, mas isso era raro, geralmente era gratuito, era de modo especial para o filho do operário, do trabalhador”,<sup>79</sup> lembra Dona da Paz<sup>80</sup>.

O Prédio também servia como sede para reuniões e movimentos comunitários como: a Juventude Operária Católica (JOC), o Clube do Cidadão Campinense; servia também de residência para os padres que vinham de outros países. O Círculo Operário foi ao longo dos anos perdendo força até ser definitivamente desativado.

Com a desativação do Círculo Operário a comunidade perdeu uma das Associações do bairro de defesa da classe operária. Segundo Dona Maria da Paz este “é um símbolo do bairro...um Patrimônio do José Pinheiro, foi o primeiro de Campina Grande e o único”.<sup>81</sup>

---

<sup>78</sup> Idem. Ibidem.

<sup>79</sup> Idem. Ibidem.

<sup>80</sup> Dona Maria da Paz ainda estudante do São Vicente de Paula auxiliava dona Isaurinha na escola do Círculo Operário. Com apenas 11 anos prestava seus serviços voluntário a escola.

<sup>81</sup> Depoimento concedido à autora em 28/03/2006 pela Senhora Maria da Paz Rodrigues.

O antigo prédio do Círculo, hoje, se encontra em litígio, em que estão envolvidos a família do senhor que presidiu a Associação desde a fundação<sup>82</sup>, e a Igreja Católica, instituição que segundo dona Maria da Paz é a verdadeira dona do prédio, que por sua vez reivindica o mesmo, ocupado atualmente por uma denominação protestante. Ao falar da atual situação do prédio Dona Maria da Paz indaga,

A finalidade do Círculo Operário acabou, não existe mais! Existe aí um grupo de protestantes pra fazer sua doutrina. Alugaram o prédio ao rapaz que toma conta pra doutrinar o povo, dizem que ele é um dos pastores, diácono, uma coisa aí...uma grande ironia! Que a gente é um Patrimônio da Igreja Católica.<sup>83</sup>

Para Dona Maria da Paz a comunidade foi a mais prejudicada com a desativação do Círculo Operário que durante muitos anos prestou seus serviços à população local, principalmente ao operariado que era o público alvo dos seus objetivos. Ao falar da desativação ela nos relata que,

...a comunidade perdeu tudo, a escola, perdeu essa luta pelo trabalhador de informação, instrução, perdeu um canto pra se encontrar, uma casa de apoio...nós ali tínhamos um ponto seguro e isso foi perdido pela comunidade o que é uma coisa desastrosa quando a comunidade perde...<sup>84</sup>

A fala de Dona Maria da Paz explicita a identificação e o reconhecimento da instituição com a comunidade. Para ela a perda do Círculo Operário se constituiu também numa perda de identidade, principalmente para os grupos

<sup>82</sup> O Círculo Operário teve durante toda a sua existência uma única mudança de presidente, quando o cargo foi assumido pelo filho do antigo presidente. Tentamos colher o seu depoimento, mas o mesmo argumentou falta de tempo.

<sup>83</sup> Depoimento concedido à autora em 28/03/2006 pela Senhora Maria da Paz Rodrigues.

<sup>84</sup> Ibidem.

operariados, que segundo a nossa colaboradora eram os principais beneficiados.



Foto 10 - antigo Prédio do Círculo Operário, hoje uma Igreja

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Meu Patoá representa minha  
relação com o lugar.  
Mas o gesto que liga as idéias aos  
lugares é, precisamente, um gesto  
de historiador”.*

Michel de Certeau

Este texto seria então a nossa representação do bairro José Pinheiro; representação esta formada a partir de relatos e imagens fornecidos a nós por pessoas simples, anônimas, mas com experiências de vida que serviu-nos como lugar de conhecimento para a nossa narrativa.

Foram alguns meses de pesquisas, às vezes cansativas, pois para tais precisávamos conquistar nossos colaboradores, afinal falar de suas vidas a pessoas estranhas não era uma coisa muito bem aceita num primeiro momento. Mas, as poucas dificuldades encontradas foram recompensadas quando víamos a satisfação que os mesmos tinham em ser procurados por alguém que demonstrava interesse em saber das suas experiências; e muitos, ávidos nos indagava: “o que nossas vivências tão simples poderia ter de interessante”? Era uma inquietude que percebíamos nos olhos, nos gestos

e nos sorrisos discretos dos nossos colaboradores quando abordados por nós. Mas, não menos surpresos e interessados.

As vozes até então anônimas estão agora representadas neste trabalho como mais uma possibilidade de leitura sobre um local – o bairro José Pinheiro – o qual tivemos o prazer de descobrir outras histórias, outras falas, outra gente e principalmente muitas experiências de vida e de práticas que envolve(ra) a comunidade definiram características específicas daquele bairro; algumas já não fazem mais parte do cotidiano daquela comunidade, poucas permanecem, outras foram resignificadas, novas outras vão surgindo. São essas mudanças e permanências, muitas vezes conflituosas que estabelecem as relações históricas da sociedade.

## REFERÊNCIAS

### Livros

BLOCH, Marc. In: **Apologia da história ou ofício do historiador**. Jorge Zahar; 2002.

BURKE, Peter. In: **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

CERTEAU, Michel. In: **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**; Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GURJÃO, Eliete Queiroz (org.). **Bairro de José Pinheiro: Ontem e Hoje**; Secretaria da Educação e Cultura, João Pessoa, 1999.

Le'GOFF, Jaques. **Memória e História**; Campinas/SP, 1994

SOUZA, Antonio Clarindo B. de Souza – “Arrochar a titela, chambregar e criar um furdução” in: **A Paraíba no Império e na República: Ensaio de História Social e Cultural**; João Pessoa; Idéia, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. In: **História e História Cultural**. Belo Horizonte; Autêntica, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. In: **Os protagonistas anônimos da história: micro – história**; Rio de Janeiro; campus, 2002.

### Artigos e teses

FILHO, Mozart Lacerda. **Nova História Cultural e micro – história: Uma breve reflexão de suas origens**. Artigo publicado em [www.revelacaoonline.uniube.br](http://www.revelacaoonline.uniube.br). Acessado em 22.05.2005

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. In. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos**. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965). 2002. 292f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Federal de Pernambuco.

### Depoimentos orais

Agripino Batista de Oliveira - concedido em 11/01/2006.

Iaponira Santos Moraes – concedido em 24/03/2006.

Jeová Pedrosa dos Santos – concedido em 14/03/2006.

Maria da Paz Rodrigues Soares – concedido em 28/03/2006.

Marcelino Valdevino da Silva – concedido em 04/04/2006.

Nilton Menezes Braga – concedido em 27/03/2006.

Pedro Farias – concedido em 16/01/2006.



# Anexos

**Título:** um artista que se foi-  
Jackson do Pandeiro

**Compositor:** Henrique do Vale

Ê ê ê

Ê ê a

É sonho é música, é cultura  
popular (bis)

Em Lagoa Grande nasceu  
Em Campina veio morar  
De ajudante de padeiro  
Pandeiro passou a tocar  
No Eldorado era estrela de ouro  
Zefa Tributino e Carminha Vilar

Hoje Jackson se foi  
Não ouço o pandeiro tocar  
Já não vou pra Limoeiro  
Pra dançar nos forrós de lá  
Não tem Sputnik  
No campo de Jequiá  
Bastiana não foi  
À Paraíba xaxa  
A mulher do Aniba e Zé do  
Angá  
A ema gemeu no tronco do  
Juremá.

**Título:** Carnavais dos anos 30

**Compositor:** Rivaldo Trindade

Bum bum e Ziriguidum  
Bum bum e Ziriguidum  
Quem os Bambas vão trazer à  
avenida  
Com suas fantaisias coloridas  
Trazendo assim na alegoria  
Os seus 15 anos de vida.

Abram alas pra folia que eu vou  
apresentar  
O que outrora existia em nossos  
carnavais

Que carnavais do passado

Que era tudo encantado  
E os Pierrôs e Columbinas

A sambar com confetes e  
serpentinai que saudade do  
sábado de Zé Pereira

Que a gente começa a alegria  
E termina só na quarta-feira

Ai que saudade do rei e da  
rainha!  
Que sambavam na avenida  
Com tantas luzes coloridas  
Mais que maravilha  
Os carnavais dos anos trinta

Que palhaços sambavam na  
avenida  
Com tanta liberdade permitida  
Mas que maravilha  
Os carnavais dos anos trinta  
Que a lança-perfume foi extinta  
Pra saudade dos foliões

**Título:** Campina Grande Rainha  
da Borborema

**Compositor:** Henrique Soares

Terra mãe canção e poema  
Campina Grande Rainha da  
Borborema

(E OS INDÍOS)

Índios Ariús e os Tropeiros  
Desbravadores e grandes  
pioneiros  
Tendo Teodósio como fundador  
Logo Campina cresceu e  
prosperou

Pólo industrial e comercial

*Vendendo algodão e também  
sisal*

*Em educação e comunicação  
Foi a pioneira sem ser capital  
Campina Grande meu amor*

Ô ô ô ô ô

*Campina tem, Campina é  
Forró, folia, carnaval, samba no  
pé.*